



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

CURSO DE JORNALISMO

HELOISE VICTORIA DO NASCIMENTO SOUTO

MULHERES NO JORNALISMO POTIGUAR: UMA FOTORREPORTAGEM

**NATAL - RN
2025**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -

CCHLA

Souto, Heloíse Victoria do Nascimento.
Mulheres no jornalismo potiguar : uma fotorreportagem /
Heloíse Victoria do Nascimento Souto. - Natal, 2025.
75 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (graduação) -
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Curso de Jornalismo. Natal, RN, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre.

1. Mulheres. 2. Jornalismo potiguar. 3. Fotorreportagem. I.
Nobre, Itamar de Moraes. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 070(813.2)

HELOISE VICTORIA DO NASCIMENTO SOUTO

MULHERES NO JORNALISMO POTIGUAR: UMA FOTORREPORTAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado em
cumprimento às exigências do Curso de
Jornalismo da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte, para obtenção do
diploma de graduação.

Orientação: Prof. Itamar de Moraes Nobre

**NATAL - RN
2025**

HELOISE VICTORIA DO NASCIMENTO SOUTO

MULHERES NO JORNALISMO POTIGUAR: UMA FOTORREPORTAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado em cumprimento às exigências do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do diploma de graduação.

Data de Aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Professor

Professor 2 (Titulação e nome completo)
Instituição

Professor 3 (Titulação e nome completo)
Instituição

RESUMO

A presença feminina no jornalismo potiguar tem crescido nas últimas décadas, mas ainda é afetada por desafios relacionados às desigualdades de gênero, às condições de trabalho e às exigências da prática profissional. Diante desse cenário, o objetivo deste estudo foi produzir uma fotorreportagem que registre e valorize a atuação das mulheres no jornalismo potiguar, contribuindo para ampliar sua visibilidade e reconhecimento. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com caráter descritivo e exploratório. Os dados foram produzidos por meio de uma entrevista semiestruturada e analisados por meio de categorias temáticas, fundamentadas em autoras e autores que discutem jornalismo, identidade feminina e condições de trabalho. Como produto final, desenvolveu-se uma fotorreportagem que integra elementos visuais e textuais das participantes, ampliando a dimensão comunicacional da investigação. Os resultados indicam que as trajetórias das entrevistadas são marcadas por iniciação precoce na profissão, múltiplas funções e necessidade de constante qualificação. Questões de gênero permanecem presentes em forma de julgamentos estéticos, dificuldades de conciliação entre vida pessoal e demandas profissionais e episódios pontuais de machismo, embora muitas relatem também reconhecimento e expansão de oportunidades. As participantes destacam ainda a relevância do olhar feminino na construção de narrativas mais sensíveis, contextualizadas e humanizadas. Conclui-se que as experiências analisadas mostram tanto avanços quanto permanências estruturais no jornalismo potiguar, evidenciando a importância de valorizar as vozes femininas, fortalecer práticas profissionais éticas e ampliar discussões sobre gênero no campo.

Palavras-chave: Jornalismo potiguar. Mulheres jornalistas. Gênero. Fotorreportagem. Vivências profissionais.

ABSTRACT

The presence of women in journalism in Rio Grande do Norte has increased in recent decades, yet it remains affected by challenges related to gender inequalities, working conditions, and the demands of professional practice. In this context, the objective of this study was to produce a photo-reportage that documents and highlights the work of women in potiguar journalism, contributing to expanding their visibility and recognition. The research adopted a qualitative approach with a descriptive and exploratory character. Data were produced through a semi-structured interview and analyzed using thematic categories grounded in authors who discuss journalism, female identity, and working conditions. As the final product, a photo-reportage was developed, integrating visual and textual elements from the participants, thus expanding the communicative dimension of the investigation. The results indicate that the trajectories of the interviewees are marked by early entry into the profession, multiple roles, and the constant need for qualification. Gender issues remain present in the form of aesthetic judgments, difficulties in balancing personal life with professional demands, and occasional episodes of sexism, although many also report recognition and expanded opportunities. The participants further emphasize the relevance of the female perspective in constructing more sensitive, contextualized, and humanized narratives. The findings show that the experiences analyzed reveal both advances and structural continuities in potiguar journalism, highlighting the importance of valuing women's voices, strengthening ethical professional practices, and broadening discussions on gender within the field.

Keywords: Potiguar journalism. Women journalists. Gender. Photo-reportage. Professional experiences.

SUMÁRIO

1 MULHERES NO JORNALISMO POTIGUAR: CONTEXTO E PONTO DE PARTIDA	6
2 BASES TEÓRICAS SOBRE GÊNERO E JORNALISMO	9
2.1 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO JORNALISMO BRASILEIRO: AVANÇOS E PERMANÊNCIAS	9
2.2 DESAFIOS DE GÊNERO NO CAMPO JORNALÍSTICO: MACHISMO, ASSÉDIO E DESIGUALDADE	11
2.3 JORNALISMO POTIGUAR: HISTÓRIA, EVOLUÇÃO E REPRESENTATIVIDADE FEMININA	12
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO JORNALISMO	17
4.1 TRAJETÓRIA INICIAL, MOTIVAÇÕES E DESAFIOS DE ENTRADA NA CARREIRA JORNALÍSTICA	17
4.2 VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS, IDENTIDADE FEMININA E PRÁTICAS JORNALÍSTICAS	22
4.3 RECONHECIMENTOS, LEGADO E PROJEÇÕES PARA FUTURAS JORNALISTAS	24
5 BASTIDORES DA PESQUISA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	34
ANEXO I- ENTREVISTA	
APÊNDICES	35
APÊNDICE I - FOTORREPORTAGEM	
APÊNDICE II -QR CODE DA FOTORREPORTAGEM	
APÊNDICE III- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	

1 MULHERES NO JORNALISMO POTIGUAR: CONTEXTO E PONTO DE PARTIDA

A participação das mulheres na sociedade sempre foi marcada por processos de enfrentamento e reconstrução, principalmente, quando analisada a partir da perspectiva das desigualdades de gênero. Como destaca Nogueira (2023), se trata de uma forma de organizar relações sociais baseadas no poder, estruturando quem tem legitimidade para ocupar determinados espaços.

Durante séculos, as mulheres foram excluídas dos ambientes públicos e restritas à esfera doméstica, o que impactou sua inserção no mercado de trabalho e produziu uma marca histórica de invisibilidade. Assim, essa herança cultural ainda reverbera em campos tidos como modernos, como o jornalismo, que, mesmo se afirmando como espaço democrático, traz elementos de assimetria de gênero naturalizados em suas rotinas produtivas (GOMES, 2024).

No contexto jornalístico, as desigualdades de gênero se expressam desde a distribuição das editorias até a forma como mulheres são avaliadas profissionalmente. Muitas vezes, as mulheres permanecem circunscritas a editorias consideradas “suaves”, como cultura ou comportamento, enquanto as áreas de maior prestígio, política, economia, investigação, continuam majoritariamente masculinas (BUENO; MARQUES, 2020).

Além da segmentação das funções, as mulheres enfrentam práticas recorrentes de deslegitimação profissional, que variam desde a desconfiança de fontes até a fiscalização excessiva de sua performance. E isso é frequentemente associado ao duplo padrão de julgamento, no qual as mulheres precisam demonstrar competência de forma contínua para alcançar reconhecimento equivalente ao dos homens (NOGUEIRA, 2023).

Somam-se a esses fatores manifestações de assédio moral e sexual, amplamente registradas em pesquisas recentes sobre a profissão Simões (2021) ao analisarem a percepção de jornalistas brasileiras sobre violência no exercício do jornalismo, apontam que muitas profissionais são submetidas a comentários sexistas, intimidações e abusos que ultrapassam o âmbito profissional e atingem sua dignidade pessoal. O ambiente de trabalho, que deveria ser espaço de proteção, acaba se tornando um palco de vulnerabilidade, onde o machismo estrutural se atualiza por meio de práticas cotidianas que buscam controlar, silenciar ou desqualificar a atuação feminina.

Quando esse debate é feito sob o contexto do jornalismo potiguar, percebe-se que as desigualdades observadas no cenário nacional se reproduzem, porém acrescidas por especificidades regionais. O Rio Grande do Norte possui um histórico jornalístico rico, mas ainda escassamente documentado sob a ótica de gênero (DANTAS, 2023).

A ausência de registros sistematizados sobre a atuação das mulheres na imprensa do estado evidencia o apagamento histórico. Muitas jornalistas potiguares contribuíram decisivamente para a formação da imprensa local, mas suas trajetórias permanecem fragmentadas, dispersas ou desconhecidas pelas gerações atuais.

Diante dessa invisibilidade, a fotoreportagem proposta neste trabalho emerge como instrumento de reconstrução e reconhecimento histórico. Sontag (2004) destaca que a fotografia possui o poder de fixar a memória e atribuir sentido à existência, funcionando como prova.

A construção de um documento visual que recupere a trajetória das mulheres no jornalismo potiguar também tem efeito pedagógico e social, pois amplia o repertório de referências femininas disponíveis para estudantes, pesquisadores e futuras jornalistas. Vale destacar que a representatividade caracteriza-se como um componente importante na formação de subjetividades e na construção de horizontes possíveis.

Diante desse contexto, surge a questão central deste estudo: como registrar, visibilizar e preservar a trajetória das mulheres no jornalismo potiguar, considerando que sua contribuição histórica permanece pouco documentada e frequentemente invisibilizada?

A relevância desta pesquisa é dupla. Do ponto de vista social, ela recupera histórias femininas apagadas pela história oficial, valorizando suas experiências e fortalecendo a memória cultural do Rio Grande do Norte. Do ponto de vista acadêmico, oferece um material inédito, preenchendo uma lacuna de estudos sobre gênero e jornalismo no contexto regional. Assim, esta fotoreportagem é uma forma de devolver às mulheres o espaço que sempre lhes pertenceu.

Para tanto, o objetivo geral desta pesquisa foi produzir uma fotoreportagem que registre e valorize a atuação das mulheres no jornalismo potiguar, contribuindo para ampliar sua visibilidade e reconhecimento. Seguido dos objetivos específicos: Investigar a presença atual das mulheres no jornalismo do Rio Grande do Norte; Selecionar profissionais para compor a fotoreportagem; Realizar pesquisa documental; Realizar

entrevistas que contribuam com a narrativa visual e produzir registros fotográficos que retratam o trabalho dessas jornalistas.

2 BASES TEÓRICAS SOBRE GÊNERO E JORNALISMO

O entendimento da atuação das mulheres no jornalismo exige uma contextualização teórica que abranja tanto os aspectos históricos das desigualdades de gênero quanto às transformações sociopolíticas que moldaram o campo comunicacional. A literatura aponta que o jornalismo, enquanto espaço de produção simbólica, foi constituído sob fortes bases patriarcais, o que influenciou formas de acesso, reconhecimento e permanência das mulheres na profissão.

2.1 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO JORNALISMO BRASILEIRO: AVANÇOS E PERMANÊNCIAS

A inserção das mulheres no jornalismo brasileiro é marcada por um percurso histórico consideravelmente difícil, atravessado por tensões históricas e disputas por legitimidade profissional. Os primeiros registros de mulheres atuando na imprensa remontam ao século XIX, quando surgiram escritoras e colaboradoras em jornais literários, muitas vezes publicando sob pseudônimos para driblar as restrições impostas pelo patriarcado (GOMES, 2024).

Como destaca Nogueira (2023) a imprensa oitocentista abriu frestas para que algumas vozes femininas circulassem, mas sempre de forma limitada e subordinada às expectativas sociais da época. Assim, embora não estivessem completamente ausentes do cenário jornalístico, sua presença era condicionada à ideia de que o espaço público pertencia majoritariamente aos homens, o que retardou a consolidação da mulher como profissional reconhecida dentro das redações.

Com a profissionalização do jornalismo no século XX, principalmente após a institucionalização dos cursos superiores de Comunicação, a participação feminina ampliou-se de forma mais sistemática. Entretanto, essa ampliação ocorreu de modo assimétrico (RIBEIRO, 2023).

Ribeiro (2022) observa que a porta de entrada para as mulheres frequentemente se dava em editorias consideradas “leves”, como cultura, comportamento ou temas voltados ao cotidiano doméstico, áreas que reforçavam o estereótipo de que o olhar feminino seria mais sensível ou adequado a assuntos de menor prestígio jornalístico.

Enquanto isso, editorias como política, economia e jornalismo investigativo permaneciam sob domínio masculino, mostrando, dessa forma, um processo de inserção que, ao mesmo tempo em que admitia a presença feminina, limitava seu alcance e legitimidade (NOGUEIRA, 2023).

Com o avanço das décadas finais do século XX, ocorreu o fenômeno da chamada feminização da profissão, entendido como o aumento numérico de mulheres nas redações, mas também como a transformação das dinâmicas de trabalho associadas ao jornalismo (RIBEIRO, 2023).

Bueno e Marques (2020) explicam que profissões que passam a receber grande número de mulheres tendem, historicamente, a enfrentar processos de precarização, tanto em termos de salários quanto de condições de trabalho. No jornalismo, esse fenômeno se expressou no aumento da informalidade, na intensificação das jornadas e na redução de autonomia editorial, elementos que impactaram diretamente as mulheres, sobretudo aquelas em início de carreira. Assim, a feminização, embora seja um indicador de presença, não necessariamente representa garantia de equidade ou valorização.

As discriminações de gênero marcam o cotidiano das jornalistas desde que elas ingressaram na profissão. A partir dos anos sessenta do século passado, a presença delas nas redações muda o cenário da profissão e hoje elas constituem a maioria. Sua participação no mercado e presença em todos os locais de trabalho pôs em relevo o problema da discriminação de gênero e do assédio sexual e moral contra mulheres jornalistas no Brasil (KOSHIYAMA; REIMBERG, 2018, p. 20).

Apesar dessas contradições, as mulheres jornalistas têm construído caminhos de afirmação e credibilidade dentro do campo comunicacional. A conquista de espaços de liderança, ainda que lenta, demonstra uma reorganização do território profissional. Para Libório (2023), a credibilidade jornalística é construída pela relação entre o profissional, o público e as rotinas produtivas, quando aplicada à experiência feminina, torna-se evidente que as mulheres tiveram de realizar um esforço adicional para provar competência em ambientes marcados por hierarquias de gênero.

Elas precisaram romper barreiras simbólicas, superar a desconfiança de colegas e fontes e reposicionar-se diante de estruturas que historicamente privilegiaram a voz masculina. Assim, esse esforço não deve ser interpretado como exceção, mas como um movimento coletivo que mostra a capacidade das mulheres de transformar o próprio campo jornalístico.

Mas, é inegável que ainda há desafios de gênero vivenciados por essas profissionais, desafios que incluem manifestações de machismo, episódios de assédio e desigualdades estruturais que impactam diretamente suas condições de trabalho e suas possibilidades de ascensão. Portanto, discutir esses obstáculos torna-se necessário para compreender a complexidade da presença feminina na imprensa.

2.2 DESAFIOS DE GÊNERO NO CAMPO JORNALÍSTICO: MACHISMO, ASSÉDIO E DESIGUALDADE

A vivência das mulheres dentro do jornalismo brasileiro mostra um cenário marcado por desigualdades estruturais que moldam, de forma persistente, sua atuação profissional. Embora a presença feminina tenha aumentado nas últimas décadas, estudos recentes como o de Libório (2023) demonstram que esse avanço numérico não significa, necessariamente, equidade nas relações de trabalho.

A pesquisa de Silva, Fontes e Marques (2023) evidenciam que jornalistas brasileiras ainda enfrentam um ambiente permeado por violências simbólicas e explícitas, que vão desde o questionamento de sua competência até formas de intimidação direcionadas à sua condição de mulher. Assim, esse quadro confirma o que Scott e Urso (2021) já apontava, o gênero funciona como um operador social que organiza desigualdades, naturaliza hierarquias e define quem ocupa, e quem permanece, em determinados espaços profissionais.

Dentro das redações, essas desigualdades aparecem de maneira incisiva nas formas de assédio moral, frequentemente naturalizadas como “parte da rotina” ou justificadas pelo ritmo acelerado do trabalho jornalístico. Muitas mulheres relatam que críticas desproporcionais, desqualificação de suas pautas ou comentários pejorativos sobre sua capacidade são mecanismos usados para reafirmar posições de poder masculinas.

Lima, Cunha e Barbosa (2024), ao investigarem as repercussões subjetivas da violência contra jornalistas, demonstram que a violência moral, embora menos visível que a física, deixa marcas significativas, afetando diretamente a autoestima profissional e produzindo efeitos emocionais duradouros.

No que se refere ao assédio sexual, o campo jornalístico ocupa uma posição delicada, pois muitas jornalistas atuam em ambientes predominantemente masculinos, como coberturas policiais, esportivas ou políticas. Nesses contextos, a exposição a comentários sexualizados, cantadas invasivas e intimidações físicas é mais recorrente do que institucionalmente admitido.

Os estudos de Silva, Fontes e Marques (2023) mostram que mulheres jornalistas, muitas vezes, hesitam em denunciar tais práticas devido ao medo de retaliações, descrédito ou perda de oportunidades profissionais. Posto isso, nota-se um silenciamento

estratégico, no qual a mulher se cala para sobreviver, já que sua denúncia pode se voltar contra ela em ambientes onde a cultura masculina ainda dita as regras.

A invisibilização feminina na hierarquia editorial é outro componente estrutural dessas desigualdades. Apesar de muitas redações contarem com equipes majoritariamente compostas por mulheres, os cargos de maior prestígio e autoridade, como direção editorial, chefia de reportagem ou editorias de política e economia ainda permanecem sob domínio masculino (NOGUEIRA, 2023).

Lima, Cunha e Barbosa (2024) observam que, mesmo quando as mulheres apresentam desempenho equivalente ou superior, sua ascensão é frequentemente barrada por percepções estereotipadas sobre liderança, racionalidade e firmeza, atributos historicamente associados aos homens.

Além disso, a ausência de mulheres em cargos de chefia contribui para a reprodução de práticas e discursos que reforçam a desigualdade de gênero. Quando o olhar editorial continua sendo majoritariamente masculino, temas relacionados às mulheres recebem menos destaque, são tratados de forma estereotipada ou ficam enquadrados em editorias de menor prestígio (RIBEIRO, 2022).

É importante destacar que os desafios enfrentados pelas jornalistas não se limitam ao ambiente interno das redações, estendendo-se às interações com fontes, público e ambientes externos. Mulheres repórteres relatam que são frequentemente subestimadas durante entrevistas, sofrem interrupções constantes ou enfrentam descrédito explícito, sobretudo, em coberturas políticas. De acordo com Lima, Cunha e Barbosa (2024) esse tipo de violência simbólica reforça uma percepção social que associa autoridade e seriedade a figuras masculinas, relegando as mulheres a posições periféricas mesmo quando realizam trabalhos de grande densidade jornalística.

2.3 JORNALISMO POTIGUAR: HISTÓRIA, EVOLUÇÃO E REPRESENTATIVIDADE FEMININA

O desenvolvimento do jornalismo no Rio Grande do Norte acompanha o próprio processo de modernização social do estado, mostrando mudanças políticas, culturais e econômicas que marcaram o século XIX e o início do XX. Como observa Cunha (2022) à imprensa regional brasileira sempre exerceu um papel decisivo na construção das identidades locais, funcionando como espaço de circulação de ideias, debates públicos e formação de opinião.

No caso potiguar, os primeiros periódicos surgem ainda no século XIX, inseridos em um contexto de crescente alfabetização, expansão das atividades urbanas e fortalecimento das elites regionais. Desse modo, esses impressos inaugurais, muitos deles de curta duração, estabeleceram as bases do que viria a se tornar um sistema jornalístico diverso, que incluiria desde publicações literárias até jornais políticos e informativos (SOBRAL; DANTAS, 2024),

Ao longo do século XX, o jornalismo potiguar passou por sucessivas transformações, acompanhando o desenvolvimento tecnológico e as mudanças estruturais do campo jornalístico brasileiro. A chegada de veículos como *Tribuna do Norte e Diário de Natal* estabeleceu novos modos de produção jornalística, profissionalizando as redações e introduzindo rotinas mais estruturadas de apuração, edição e circulação da informação (VELOSO; MENDES; LOPES, 2023).

Na segunda metade do século, a televisão ampliou esse cenário com a instalação de emissoras como a InterTV Cabugi, que trouxe, de fato, novas possibilidades narrativas e consolidou figuras jornalísticas conhecidas em todo o estado. Como apontam Sobral e Dantas (2024), cada avanço tecnológico redefine a forma de produzir notícias, mas, acima de tudo, a própria organização do campo jornalístico, impactando diretamente quem ocupa esses espaços, incluindo, progressivamente, as mulheres.

A presença feminina nesse universo, entretanto, não foi isenta de resistências. Pesquisas historiográficas mostra que a inserção das mulheres no jornalismo potiguar remonta ao século XIX, ainda que marcada por limitações próprias do contexto sociocultural da época. Entre 1831 e 1937, como mostram Veloso, Mendes e Lopes (2023) aproximadamente 980 mulheres participaram de alguma forma da imprensa noroeste-grandense, seja como cronistas, articulistas, colaboradoras literárias ou editoras de pequenos periódicos.

No entanto, grande parte dessa produção circulou sob pseudônimos, estratégia utilizada para evitar o julgamento moral e a vigilância social sobre a escrita feminina, prática coerente com o que Padilha (2035) descreve como mecanismos de contenção da mulher no espaço público.

Entre os marcos mais expressivos desse período destaca-se o *Jornal das Moças*, fundado em Caicó em 7 de fevereiro de 1926. A publicação, inteiramente produzida por mulheres, dedicava-se a temas literários, humorísticos e reflexões sobre a condição feminina na sociedade potiguar (VELOSO; MENDES; LOPES, 2023).

Editado por Georgina Pires e Dolores Diniz, com redação composta por Júlia Medeiros, Santinha Araújo, Maria Leonor Cavalcante, Julinda Gurgel e outras representantes da elite intelectual caicoense, o periódico alcançou grande repercussão em diversos municípios do estado (PADILHA, 2025). Assim, esse jornal foi, de fato, um espaço de emancipação discursiva, no qual mulheres podiam expressar opiniões e produzir conhecimento, algo relevante se analisado à luz do conceito de “vozes subalternizadas” de Chedid e Hemais (2022).

Outro exemplo notável da produção feminina no jornalismo potiguar é o jornal *A Esperança*, circulado em Ceará-Mirim entre 1903 e 1909. Sob a coordenação das professoras Maria Dolores Bezerra Cavalcanti e Isaura Carrilho, o periódico dedicava-se a divulgar textos literários, reflexões morais e posicionamentos sobre o papel da mulher na sociedade da época (PADILHA, 2025).

A presença de professoras à frente da edição mostra a inserção feminina no campo intelectual, e, acima de tudo, a importância das mulheres como mediadoras culturais, conforme discute Cunha (2022). Desse modo, esses jornais, produzidos em municípios do interior, demonstram que a participação das mulheres não estava restrita à capital, mas permeava diferentes territórios e contextos socioculturais do estado.

Com o avanço do século XX, a modernização das redações, a difusão das escolas normais e a ampliação da escolarização feminina contribuíram para que as mulheres ocupassem de forma mais visível o jornalismo potiguar. Nesse período, além das colaborações literárias, surgem as primeiras repórteres, radialistas e apresentadoras de programas informativos, marcando uma transição importante da escrita para a oralidade e da imprensa artesanal para a imprensa profissional (PADILHA, 2025).

No entanto, como afirmam Cunha (2022) essa presença não significou ausência de desafios na área, haja vista que a hierarquia jornalística continuou a reproduzir desigualdades estruturais, dificultando o acesso das mulheres a editorias mais valorizadas ou a posições de comando.

A partir das últimas décadas, observa-se uma diversificação ainda maior na atuação feminina no jornalismo potiguar. Com o fortalecimento das universidades e a consolidação dos cursos de Comunicação Social no estado, surgiu uma nova geração de jornalistas mulheres que passaram a ocupar redações de rádios, TVs, portais e assessorias de comunicação (VELOSO; MENDES; LOPES, 2023).

Essas profissionais trouxeram novas perspectivas para o fazer jornalístico, especialmente no que diz respeito à sensibilidade para temas relacionados a direitos

humanos, educação, violência de gênero e diversidade social. Posto isso, é válido lembrar que essa renovação está associado com o que Gandour (2020) identifica como expansão das mediações sociais, na qual o jornalismo atual passa a refletir múltiplas identidades e experiências antes marginalizadas.

Entretanto, apesar dos avanços, ainda é evidente a ausência de um registro sistematizado sobre as contribuições femininas para o jornalismo potiguar. A memória dessas mulheres permanece dispersa, sustentada por relatos pessoais, poucas edições preservadas e fragmentos históricos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realização da pesquisa utilizou-se uma abordagem qualitativa, de acordo com Minayo (2012), a pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador explorar sentidos, interpretações e vivências construídas pelos sujeitos, tornando-se adequada quando o objetivo é captar significados que não podem ser reduzidos a métricas ou quantificações.

Quanto à natureza da pesquisa, trata-se de um estudo exploratório-descritivo. É exploratório porque busca investigar um tema ainda pouco documentado no campo regional, identificando elementos, padrões e lacunas que estruturam a participação feminina no jornalismo potiguar. Ao mesmo tempo, o estudo possui caráter descritivo, pois descreve as vivências, os desafios e as percepções das jornalistas entrevistadas, conforme defendem Gil e Vergara (2015) ao caracterizar pesquisas que procuram retratar práticas, comportamentos e discursos sociais.

A escolha pelo método de entrevistas semiestruturadas foi fundamentada na necessidade de permitir que as participantes expressassem suas experiências de forma contextualizada. O modelo semiestruturado, segundo Gil e Vergara (2015) possibilita manter um roteiro-guia, garantindo coerência temática.

Foram realizadas cinco entrevistas, com oito questões, com cinco jornalistas potiguares, todas mulheres, selecionadas por sua atuação reconhecida no cenário regional. A seleção das participantes foi feita por amostragem intencional, critério comum em pesquisas qualitativas, conforme Creswell (2014), pois prioriza sujeitos que possuem experiência significativa relacionada ao que está sendo investigado.

As entrevistas ocorreram de forma presencial ou remota, dependendo da disponibilidade das participantes, e seguiram um roteiro composto por perguntas abertas,

que buscavam explorar: o início da carreira, desafios enfrentados, vivências de machismo, conciliação entre vida pessoal e profissional, percepções sobre representatividade feminina e reflexões sobre sua própria trajetória no jornalismo. As perguntas utilizadas nas entrevistas foram apresentadas no Anexo I.

Para assegurar fidelidade às falas, todas as entrevistas foram gravadas, mediante autorização verbal, e posteriormente transcritas de forma integral. Em seguida, as transcrições passaram por um processo de análise temática, método proposto por Braun e Clarke (2006), que consiste na identificação de padrões, categorias e temas recorrentes no conjunto das falas.

Por fim, os dados obtidos foram reorganizados em eixos interpretativos que dialogam com os objetivos deste TCC, destacando: (1) Trajetória inicial, motivações e desafios de entrada na carreira jornalística, (2) Vivências profissionais, identidade feminina e práticas jornalísticas; (3) vivências de machismo e assédio; (4) Reconhecimento, legado e projeções para futuras jornalistas.

Além da etapa analítica, este estudo contemplou a elaboração de um produto final em formato de fotorreportagem, concebido como instrumento complementar para representar visualmente as trajetórias das jornalistas potiguares entrevistadas. A produção seguiu princípios fotojornalísticos, incluindo definição de pautas visuais, planejamento de locações, captação de imagens em contextos profissionais e seleção das fotografias mais representativas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO JORNALISMO

A apresentação dos resultados organiza-se a partir das categorias analíticas definidas previamente, estruturadas de acordo com a recorrência e relevância temática identificadas nas entrevistas. O objetivo é examinar como as experiências relatadas pelas jornalistas potiguares se relacionam com as discussões teóricas sobre gênero, trabalho e práticas profissionais no campo da comunicação.

4.1 TRAJETÓRIA INICIAL, MOTIVAÇÕES E DESAFIOS DE ENTRADA NA CARREIRA JORNALÍSTICA

A análise das falas das cinco entrevistadas evidencia que o ingresso no jornalismo potiguar é marcado por percursos que relacionam antecipação profissional, necessidade de múltiplas experiências e exposição precoce a estruturas assimétricas de gênero. Embora cada trajetória apresente particularidades, emergem elementos comuns que permitem compreender como a dimensão de gênero impacta a entrada das mulheres no campo jornalístico, corroborando literatura que aponta o jornalismo como um espaço ainda caracterizado por desigualdades estruturais (LELO, 2019).

A fala de Mara Godeiro mostra um início precoce e marcado, principalmente, pela inquietação com a prática jornalística. Ela destaca que começou ainda nos primeiros períodos, migrando entre Mossoró e Natal para manter um estágio em TV, ela relata que *“comecei como estagiária e aí quando eu tava faltando acho que um ano e meio mais ou menos pra finalizar o curso, o Jânio Vidal [...] me chamou pra vir pra Tropical”* (Mara Godeiro, Informação Verbal).

Além disso, ela destacou sobre uma constante necessidade de provar competência para alcançar espaços desejados, sobretudo o da reportagem, pois, como afirma, apesar de ocupar cargos de prestígio, percebia que *“sempre ia ser colocada de lado e nunca ia conseguir chegar ao que eu queria”* (Mara Godeiro, Informação Verbal). Assim, esse sentimento está associado ao que Tuchman (2000) chamou de *“symbolic annihilation”*, no qual mulheres são simbolicamente empurradas para papéis menos valorizados, mesmo quando demonstram total capacidade técnica.

Já Mariana Rocha menciona que, ainda sem saber “onde estava se metendo”, aceitou seu primeiro estágio no segundo período: “*eu fui tipo verde, sem saber de nada [...] mas aceitei esse estágio*” (Mariana Rocha, Informação Verbal). Assim como Mara, Mariana aponta que seu verdadeiro aprendizado veio da rua e do enfrentamento constante das pressões de performance: “*foi na rua que eu aprendi a contar história [...] errar, acertar, chorar*” (Mariana Rocha, Informação Verbal).

Além disso, relata um desafio pouco discutido, mas recorrente entre mulheres da televisão: a adequação forçada da voz e da postura, “*sofri dificuldades pra adaptar minha dicção, meu sotaque. Fiz fono*” (Mariana Rocha, Informação Verbal).

Quanto a isso, pesquisas como a de Souza *et al.* (2024), analisam como o jornalismo televisivo frequentemente impõe padrões estéticos e comportamentais às mulheres, exigindo delas um tipo de “corpo narrativo” que os homens raramente são compelidos a desenvolver.

A trajetória de Anelly, a mais experiente das cinco, apresenta um início marcado pela vivência intensa da prática jornalística em um período em que o mercado potiguar era ainda mais fechado. Ela relata que foi “*jogada na boca dos leões*” (Anelly, Informação Verbal) ao assumir entradas ao vivo sem pauta, guiada apenas pelo improviso e pela coragem, algo que ela aceitou porque “*queria muito pauta*” (Anelly, Informação Verbal).

Sua narrativa reafirma a ideia de que mulheres, mesmo quando talentosas, frequentemente precisam aceitar condições de risco e incerteza para se manter no campo. Como aponta Bourdieu (1998), o jornalismo funciona como um campo social altamente competitivo, no qual as hierarquias simbólicas empurram determinados grupos, especialmente mulheres jovens, para posições mais vulneráveis.

Por sua vez, Anna Ruth Dantas apresenta uma trajetória distinta: construída intensamente a partir do jornal impresso e do rádio, ela mesma afirma que “*vivia a comunicação*” (Anna Ruth Dantas, Informação Verbal), iniciando ainda no segundo semestre e nunca mais deixando a rotina profissional.

Diferentemente das demais, não relata episódios explícitos de discriminação de gênero no início da carreira, mas sua narrativa evidencia a necessidade de sobrecarregar-se de múltiplos vínculos, jornal, rádio, assessoria, para consolidar seu espaço. Essa multiplicidade profissional, segundo Douvan e Rocha (2022) é uma forma de estratégia de permanência, especialmente entre mulheres que precisam ocupar vários territórios simbólicos para legitimar sua competência.

Ademais, Liciane Viana, mostra uma realidade atual do jornalismo potiguar, ainda que marcada por velhas práticas de exclusão. Apesar de declarar que em geral foi bem tratada, ao relatar sua tentativa de participar de um projeto esportivo, afirma: “*Eu entrei, mas eu não fui bem aceita. Nunca me deram a oportunidade de participar de nada, extremamente nada do projeto.*” (Liciane Viana, Informação Verbal).

A análise das motivações que levaram as cinco participantes a optarem pelo jornalismo evidencia que, embora suas trajetórias sejam distintas, emergem fatores comuns relacionados ao interesse precoce pela comunicação, às experiências familiares e escolares e ao reconhecimento de habilidades individuais associadas à expressão, à escrita e à interação social.

No caso de Mara Godeiro, sua motivação está diretamente relacionada ao convívio familiar com o ambiente televisivo e ao reconhecimento, desde a infância, de habilidades comunicativas. Como afirma: “*eu sempre fui comunicativa [...] e me encantava com os estúdios, com tudo aquilo*” (Mara Godeiro, informação verbal).

A literatura aponta que a exposição precoce ao universo midiático é um dos fatores mais recorrentes na formação do desejo de ingressar no jornalismo, sobretudo entre mulheres que encontram nesses espaços uma possibilidade de mobilidade social e expressão pública (PADILHA, 2025).

A motivação de Mariana Rocha apresenta outra nuance importante: o jornalismo como descoberto durante o curso universitário. Ela relata que “*o jornalismo, pra mim, foi uma escolha quando eu conheci, de fato, o que era o jornalismo*” (Mariana Rocha, Informação Verbal). Já para Anelly, a motivação surge do interesse pela notícia e pela narrativa social, conforme relata: “*eu sempre gostei de notícia e gostava de contar histórias*” (Anelly, informação verbal).

A trajetória de Anna Ruth Dantas mostra uma motivação rara, pois ela identifica de forma muito precoce o desejo de ser jornalista. Em sua fala, destaca: “*a minha descoberta do jornalismo foi aos 9 anos de idade*” (Anna Ruth Dantas, informação verbal).

A motivação de Liciane Viana também está pautada em vivências familiares e em um imaginário afetivo em torno da comunicação. Ela afirma: “*eu brincava com escova como se fosse microfone [...] sempre tive essa veia artística e de comunicação*” (Liciane Viana, informação verbal).

Em síntese, os apontamentos mostram que a escolha pelo jornalismo está relacionada a três eixos principais: (1) experiências formativas precoces com

comunicação, mídia ou escrita; (2) identificação pessoal com o ato de contar histórias e informar; e (3) dimensão afetiva e simbólica vinculada à profissão.

Ao serem questionadas a respeito da influência do gênero a influência de gênero na carreira jornalística, nota-se que ela não é homogênea. As experiências variam entre vivências de discriminação, situações ambíguas e percepções de relativa equidade. Desse modo, essa diversidade confirma o que Lelo (2019) identificam como desigualdades de gênero situadas: mulheres podem ocupar o mesmo campo profissional, mas não sob as mesmas condições simbólicas, estruturais ou relacionais.

De modo geral, as falas demonstram que as jornalistas reconhecem que o gênero atravessa suas trajetórias, ora pressionando, ora ampliando responsabilidades, ora exigindo comprovação constante de competência, conforme já apontado por estudos sobre mulheres no jornalismo brasileiro (SILVEIRINHA; SIMÕES, 2016).

Para Mara, a condição de mulher exigiu um esforço permanente de autovalidação profissional. Ela destaca que *“a gente sempre precisa provar que é boa”* (Mara Godeiro, Informação Verbal) e que, em espaços majoritariamente masculinos, como reuniões de chefia, é necessário impor limites para evitar desrespeitos sutis e comentários inapropriados.

Mariana relata episódios explícitos de julgamentos baseados na aparência e na idade, inclusive vindos de outras mulheres. Ela afirma: *“já disseram que eu consegui vaga porque sou jovem e bonita”* (Mariana Rocha, Informação Verbal). Posto isso, esse tipo de leitura moralizada é amplamente documentado por autores como Lelo (2019), que aponta que as jornalistas são frequentemente avaliadas por critérios estéticos e não técnicos, sobretudo no telejornalismo. Embora reconheça algumas vantagens na televisão, Mariana enfatiza o peso das interpretações negativas.

A experiência de Anelly contrasta com a das demais. Ela declara não ter vivenciado situações discriminatórias: *“como posso dizer que tive preconceito se sempre estive rodeada de mulheres em posições importantes?”* (Anelly, Informação Verbal). Ainda assim, sua fala não invalida a estrutura desigual do campo, mas evidencia que trajetórias individuais podem se desenvolver em contextos organizacionais mais favoráveis.

Para Anna Ruth, o gênero não prejudicou seu percurso, mas influenciou seu modo de se posicionar. Ela relata que buscava parecer mais velha para ser levada a sério, e reconhece na sensibilidade um diferencial positivo: *“a minha comunicação é feita com emoção, não só com técnica”* (Anna Ruth Dantas, Informação Verbal). Sua percepção

está alinhada ao que Silveirinha e Simões (2016) discutem, em que a forma de se comunicar torna-se instrumento profissional. A sensibilidade, frequentemente atribuída às mulheres, é ressignificada por ela como recurso.

Liciane não relata preconceito direto, mas identifica que pode ter enfrentado barreiras sutis, principalmente quando tentou ingressar em um projeto esportivo universitário: “*nunca me deram oportunidade de participar de nada*” (Liciane Viana, Informação Verbal). Essa dúvida, “foi porque eu era mulher ou por outros fatores?”, é típica do que Silva e Laport (2019) chamam de “machismo difuso”: práticas excludentes cuja motivação não é explicitada, mas que reproduzem padrões de invisibilidade feminina, sobretudo em áreas historicamente masculinas, como o jornalismo esportivo.

É possível observar que as experiências relatadas pelas participantes reforçam que o jornalismo, embora tenha ampliado a presença feminina ao longo das últimas décadas, segue estruturado por dinâmicas de gênero que reproduzem desigualdades simbólicas e práticas.

O depoimento de Mariana apresenta situações explícitas de machismo e violência simbólica. Ela relata ter sido alvo de sexualização por colegas de Brasília, mencionando que ouviu comentários como “*muito bonita a sua assessora*” e até insinuações misóginas violentas, incluindo associações à prostituição — “*botam as mulheres jovens e bonitas com a câmera na mão pra fingir que é fotógrafa*” e “*garota de programa que ele conseguiu um cargo pra dar dinheiro pra ela*” (Mariana Rocha, informação verbal). Tais relatos se alinham ao que Fellini e Vagetti (2025) discutem como “violência simbólica de gênero”, quando a desqualificação profissional recai sobre atributos físicos ou estereótipos de sexualidade, e não sobre a competência técnica.

Além disso, Mariana afirma ter sido orientada a mudar sua aparência para não “chamar atenção”: “*você precisa se vestir como assessora, botar um tênis, um boné, amarrar os cabelos*” (Mariana Rocha, informação verbal). Esse controle sobre o corpo feminino no trabalho é documentado por autores como Lelo (2019) que discute como normas de feminilidade são reguladas e disciplinadas em ambientes institucionais. No jornalismo, sobretudo no telejornalismo, corpo da mulher frequentemente se torna objeto de vigilância, reforçando expectativas de contenção.

Assim, a experiência de Mariana demonstra que o machismo no jornalismo não se limita a barreiras formais, mas opera por meio de mecanismos cotidianos de deslegitimação, constrangimento e controle simbólico, principalmente quando mulheres jovens ocupam espaços associados à visibilidade pública.

4.2 VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS, IDENTIDADE FEMININA E PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

As vivências relatadas pelas cinco jornalistas demonstram a materialidade das desigualdades de gênero quando o trabalho jornalístico se relaciona com maternidade, relações afetivas, carga mental e a própria construção da identidade profissional. A conciliação entre vida pessoal e trabalho aparece como eixo estruturante da experiência feminina, alinhando-se ao que Mansano (2024) discute como dupla jornada ampliada, em que o trabalho intelectual se sobrepõe à rotina doméstica, produzindo desgaste físico e emocional.

As falas indicam que, no jornalismo potiguar, o ideal de disponibilidade total, característica histórica da profissão (PADILHA, 2025), recai de maneira mais intensa sobre as mulheres, que precisam negociar presença, tempo e afeto em contextos marcados por imprevisibilidade, pressão e jornadas fragmentadas.

Mara Godeiro evidencia essa sobrecarga ao afirmar: *“É difícil. É muito difícil... eu tenho uma filha de 8 anos (...) e às vezes, principalmente por ser mulher, aquela cobrança... de cuidar mais da sua casa”* (Mara Godeiro, Informação Verbal). Sua fala confirma a noção de “dupla jornada ampliada”, em que a mulher reorganiza sua rotina para atender simultaneamente às demandas do trabalho e da família.

Mariana Rocha reforça o impacto dessa dinâmica ao afirmar que *“a gente é jornalista 24 horas”* e que já abriu mão de lazer, férias e convivência familiar por causa de plantões e coberturas (Mariana Rocha, Informação Verbal). Esse posicionamento se relaciona com Mansano (2024), que descreve o jornalismo como uma profissão que atravessa toda a vida cotidiana, tornando difícil separar tempo de trabalho e tempo pessoal.

A experiência de Anelly apresenta o efeito dessas exigências sobre a maternidade: *“Hoje eu ainda acho que falhei demais como mãe... eu não tinha vida”* (Anelly, Informação Verbal). Assim, essa percepção de culpa materna, discutida por Fellini e Vagetti (2025), expressa como expectativas sociais recaem apenas sobre mulheres, enquanto homens não são cobrados da mesma maneira.

Anna Ruth destaca uma estratégia recorrente entre profissionais que tentam manter vínculos afetivos ativos: estabelecer limites. Ela afirma: *“À noite eu evito ao máximo qualquer tipo de trabalho”* (Anna Ruth Dantas, Informação Verbal).

Liciane Viana enfatiza: *“eu gostaria de trabalhar muito mais e não consigo... meus filhos me cobram”* (Liciane Viana, Informação Verbal), evidenciando a “carga mental invisível” descrita por Mansano (2024), na qual a gestão da vida familiar permanece sob responsabilidade das mulheres, mesmo quando assumem funções de grande responsabilidade profissional.

De forma geral, as narrativas mostram que, embora o jornalismo seja um espaço de realização e identidade profissional para todas, ele continua estruturado sobre padrões que não consideram a realidade feminina. O resultado é um equilíbrio sempre instável entre vida pessoal e carreira, sustentado por estratégias individuais, sacrifícios e rearranjos familiares, algo significativamente reconhecido pela literatura contemporânea sobre gênero e trabalho.

Para além disso, as entrevistadas mostram um consenso sobre a percepção de que o olhar feminino introduz nuances específicas na prática jornalística, sobretudo pela sensibilidade, empatia e capacidade de leitura ampliada das situações.

Mara Godeiro destaca a empatia como elemento estruturante de sua atuação: *“Acredito que o olhar feminino faz com que você tenha mais empatia... dá nas pessoas aquele sentimento de pertencimento”* (Mara Godeiro, Informação Verbal). Para Mariana Rocha, essa sensibilidade se apresenta principalmente em uma seleção diferenciada de pautas e enquadramentos: *“Para matérias mais sensíveis, eu era uma das escolhidas porque tinha mais sensibilidade”* (Mariana Rocha, Informação Verbal). Como aponta Bourdieu (2008), experiências sociais distintas, como gênero e maternidade, moldam modos específicos de perceber e narrar o mundo, o que impacta diretamente na produção jornalística.

Anelly reforça essa perspectiva ao associar sensibilidade à capacidade de prever impactos emocionais e sociais da exposição pública: *“A gente tem um olhar muito maior... dá para sentir a situação que a pessoa está passando”* (Anelly, Informação Verbal). Já para Anna Ruth Dantas, o diferencial está na possibilidade de integrar emoção e leveza à notícia quando necessário: *“Se a mulher se permite isso, ela vai entregar muito mais... o jornalismo não está tão cisudo”* (Anna Ruth Dantas, Informação Verbal). Quanto a isso Moraes (2022), descreve a subjetividade como elemento cada vez mais reconhecido no jornalismo atual.

Liciane Viana amplia esse entendimento ao destacar a versatilidade feminina: *“Eu apresento, edito, produzo... faço cinco funções ao mesmo tempo”* (Liciane Viana, Informação Verbal). Confirmando o que Mansano (2024) identificou que a

multifuncionalidade é uma das principais competências atribuídas e exigida das mulheres nas redações.

Diante das experiências relatadas, fica perceptível como o fazer jornalístico das entrevistadas é impactado por sensibilidade, resiliência e múltiplos enfrentamentos cotidianos. Entre desafios, adaptações e conquistas, elas constroem maneiras próprias de narrar, sentir e atuar, reafirmando que a presença feminina ocupa espaço, mas, antes de tudo, transforma práticas, amplia olhares e redefine valores dentro das redações.

Suas vivências mostram que o jornalismo potiguar é marcado por mulheres que conciliam demandas intensas, enfrentam barreiras sutis e explícitas e, ainda assim, produzem um jornalismo comprometido, ético e sensível.

4.3 RECONHECIMENTOS, LEGADO E PROJEÇÕES PARA FUTURAS JORNALISTAS

O sentimento de reconhecimento, seja pessoal, institucional ou social, aparece nas narrativas das entrevistadas, demonstrando a construção da identidade profissional e do sentido de permanência na carreira jornalística. Para Mara Godeiro, o aspecto mais marcante de sua trajetória está diretamente vinculado ao compromisso social do ofício.

Ao afirmar que “*o que mais me orgulha é poder ajudar as pessoas por meio do meu trabalho*” (Mara Godeiro, Informação Verbal), ela ressignifica o jornalismo a partir de uma participação ética e afetiva, convergindo com o entendimento de Moraes (2022) de que o jornalista se move pela “missão” de servir ao interesse público.

Já Mariana Rocha associa seu maior orgulho à coragem e à disposição permanente para enfrentar desafios. Ao declarar que “*nunca deixei passar uma oportunidade*” e que sua trajetória se construiu a partir da “*ousadia*” (Mariana Rocha, Informação Verbal), ela se aproxima do argumento de Padilha (2025), que analisa como mulheres no jornalismo constroem reconhecimento por meio de trajetórias marcadas pela autodeterminação e pela ruptura com expectativas que tentam restringir seu crescimento.

No caso de Anelly, a noção de legado está diretamente vinculada ao compromisso ético. Sua fala, “*o que mais me orgulha é a ética*” (Anelly, Informação Verbal), evidencia uma postura de responsabilidade diante do poder de impacto da notícia, algo amplamente discutido por Moraes (2022), que enfatiza a ética como algo imprescindível no trabalho jornalístico justamente porque o discurso da imprensa pode transformar realidades,

provocar danos irreversíveis ou assegurar dignidade a sujeitos frequentemente invisibilizados.

Anna Ruth Dantas, por sua vez, expressa um reconhecimento mais subjetivo, associado à dimensão vocacional da profissão. Em sua fala, “*minha sensação é que estou só começando*” (Anna Ruth Dantas, Informação Verbal), emerge a ideia do jornalismo como projeto existencial contínuo, e não como trajetória concluída.

Inerente a isso, Liciane Viana associa seu reconhecimento à resiliência, sendo essa, uma das principais estratégias de profissionais que enfrentam críticas, exposição e instabilidade em campos competitivos. Ao afirmar que “*precisei ser muito resiliente para não desistir*” (Liciane Viana, Informação Verbal), ela explicita que o legado construído está nas resistências acumuladas, resistências contra inseguranças, julgamentos, pressões performativas e a própria exposição inerente ao jornalismo televisivo.

Em conjunto, os relatos evidenciam que o legado deixado por essas jornalistas é formado por uma ética sensível, pela coragem de ocupar espaços, pela resiliência diante das críticas e pela consciência social que sustenta suas práticas. Assim, para além de conquistas individuais, as entrevistadas mostram projeções coletivas, apontam caminhos para novas gerações, demonstram que o jornalismo exige força, mas também sensibilidade, e reafirmam que a presença feminina continua sendo agente transformador dentro das redações potiguaras.

As recomendações das entrevistadas às futuras jornalistas potiguaras mostram um consenso sobre a necessidade de preparo técnico, compromisso ético e fortalecimento da autoconfiança em um mercado ainda competitivo e exigente. Mara Godeiro enfatiza a centralidade da formação sólida e da compreensão dos processos de produção da notícia, ressaltando que “*menos vaidade e mais preparação*” são fundamentais para ocupar espaços com legitimidade (Mara Godeiro, Informação Verbal).

Em perspectiva semelhante, Mariana Rocha reforça a importância da dedicação e da multifuncionalidade, defendendo que o jornalismo contemporâneo demanda profissionais capazes de atuar em diversas frentes, da escrita à edição, como forma de ampliar oportunidades.

Foi possível observar que as experiências compartilhadas por elas registram conquistas individuais, mas constituem um meio que inspira novas gerações, reafirmando que o futuro do jornalismo potiguar depende da continuidade desse movimento de coragem, formação e autenticidade.

5 BASTIDORES DA PESQUISA

A construção desta pesquisa não se deu apenas nos resultados apresentados, mas sobretudo nos caminhos percorridos para alcançá-los. Este capítulo busca revelar os bastidores do trabalho, especialmente o processo de realização das entrevistas com as cinco jornalistas potiguares que compõem o núcleo central desta fotorreportagem. Mais do que simples etapas metodológicas, esses encontros tornaram-se momentos de troca, partilha e reconhecimento da força das narrativas femininas no jornalismo do Rio Grande do Norte

O contato com cada jornalista exigiu preparação cuidadosa: desde a elaboração das perguntas até a organização dos horários, deslocamentos e adequações necessárias para que as entrevistas acontecessem de maneira fluida e respeitosa. Em muitos casos, os encontros ocorreram em locais escolhidos pelas próprias participantes, redações, cafés ou ambientes de trabalho, criando uma atmosfera que refletia a rotina profissional de cada uma e enriquecia o olhar fotográfico da pesquisa.

Durante as conversas, emergiram relatos marcados por orgulho, resiliência e também vulnerabilidade. As jornalistas compartilharam experiências pessoais e profissionais que ultrapassaram o domínio técnico da profissão, revelando como o gênero atravessa suas trajetórias, influencia suas oportunidades e molda as formas como são percebidas no campo jornalístico. Esse contato direto permitiu compreender nuances que dificilmente seriam captadas apenas por meio do referencial teórico: emoções, memórias, hesitações, silêncios e expressões corporais que ajudaram a compor a narrativa visual que acompanha este trabalho.

Fotografar esses momentos, ao mesmo tempo em que conduzia a entrevista, ampliou a complexidade do processo. Cada imagem exigiu sensibilidade para respeitar a espontaneidade das entrevistadas, sem interferir na autenticidade de suas histórias. Com isso, os bastidores revelaram-se parte essencial da fotorreportagem, pois é neles que a pesquisa se torna viva, humana e profundamente conectada às mulheres que a inspiraram.

Ao registrar esse percurso, este capítulo busca não apenas documentar o processo metodológico, mas também valorizar a dimensão humana que sustentou a investigação. Os bastidores da pesquisa revelam, portanto, que antes de serem fontes, as jornalistas foram protagonistas de suas próprias narrativas, e que foi justamente esse encontro entre escuta e imagem que deu sentido e profundidade a este trabalho.

A primeira entrevistada foi a jornalista Mariana Rocha, a entrevista aconteceu em seu estúdio fotográfico localizado no bairro Tirol, no dia 24 de outubro de 2025 às 15:00.



(Entrevistada Mariana Rocha)

A segunda entrevista aconteceu com a jornalista Anelly Medeiro, a entrevista aconteceu em uma cafeteria localizada no bairro Tirol, no dia 05 de novembro de 2025 às 18:00.



(Entrevistada Anelly Medeiros)

A terceira entrevistada foi a jornalista Anna Ruth Dantas, a entrevista aconteceu na rádio Jovem Pan FM localizada no bairro Candelária, no dia 07 de novembro de 2025 às 08:00.



(Entrevistada Anna Ruth Dantas)

A quarta entrevistada foi a jornalista Mara Godeiro, a entrevista aconteceu na TV tropical localizada no bairro Tirol, no dia 25 de novembro de 2025 às 08:00.



(Entrevistada Mara Godeiro)

A quinta entrevistada foi a jornalista Liciane Viana, a entrevista aconteceu no Jornal Tribuna do Norte localizado no bairro da Ribeira, no dia 28 de novembro de 2025 às 09:00.



(Entrevista Liciane Viana)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidenciou que as trajetórias das mulheres no jornalismo potiguar são marcadas por persistência, esforço e um compromisso com a comunicação como prática social. Mesmo inseridas em ambientes profissionais historicamente permeados por desigualdades de gênero, as jornalistas entrevistadas demonstraram que, por meio da qualificação constante, da ética e da sensibilidade, é possível construir percursos reconhecidos no campo midiático.

As falas das participantes confirmam que a presença feminina no jornalismo cresce em número, mas também em importância estrutural. As profissionais relatam que têm assumido funções estratégicas, conquistado espaço nas redações e contribuído para ampliar perspectivas dentro da produção noticiosa. Para tanto, olhar feminino tem emergido como um diferencial capaz de gerar abordagens mais humanas, cuidadosas e socialmente conectadas, reafirmando o papel da mulher na renovação das narrativas jornalísticas.

Observou-se também que os desafios persistem, sobretudo em relação às múltiplas jornadas, às cobranças desproporcionais e aos resquícios de machismo estrutural ainda presentes em alguns ambientes profissionais. As vivências das participantes apontam para uma redefinição contínua das práticas jornalísticas e para o fortalecimento da identidade feminina no campo da comunicação.

A fotorreportagem, utilizada como dispositivo narrativo neste estudo, mostrou-se uma ferramenta pertinente para traduzir visualmente essas trajetórias. As imagens ilustram histórias, mas também dão materialidade às conquistas, por meio da fotografia, tornou-se possível evidenciar expressões, gestos e ambientes que reforçam a força dessas narrativas femininas.

Portanto, este trabalho conclui que a luta por reconhecimento e equidade segue sendo necessária, mas os avanços conquistados demonstram que o jornalismo potiguar já é marcado pela atuação feminina. Assim, que este estudo contribua para ampliar a visibilidade dessas trajetórias e para fortalecer discussões sobre gênero, mídia e representatividade no Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **¿ Qué significa hablar?**. Ediciones Akal, 2008.

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina. **Comunicação & Inovação**, v. 21, n. 45, 2020.

CHEIDID, Yasmin D.'Almeida; HEMAIS, Marcus Wilcox. Subalternização de mulheres brasileiras em contextos de turismo: uma análise pós-colonial com base em Spivak. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. e-2357, 2022.

CRESWELL, John W. **Research desing: qualitative, quantitative and mixed methods approaches**. United State of America: Sage Publications, 2014.

CUNHA, Paula Rayssa da Silva. **Gênero e raça no telejornalismo potiguar: o espaço da mulher negra nos telejornais do RN**. 2022. 68f.: il. color. Monografia (graduação em Jornalismo) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022.

DANTAS, Anna. Entrevista. Entrevista concedida a Heloise Nascimento. Natal, 07 nov. 2025.

DANTAS, Carla Mariane. **Câmera na mão, mulheres-cabeça!: participação feminina no audiovisual potiguar**. 2023. 72f.: il. Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Comunicação Social - Audiovisual, Natal, RN, 2023.

DOUVAN, Alexandre; ROCHA, Paula Melani. A feminização no jornalismo e o posicionamento político-ideológico de jornalistas mulheres: uma análise de trajetórias profissionais de 2012 a 2020. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, p. e022019-e022019, 2022.

FELLINI, Janaina; VAGETTI, Gislaine Cristina. A Influência da Violência Simbólica de Gênero no Trabalho das Compositoras. **Revista Vórtex**, v. 13, p. 1-26, 2025.

GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder em expansão: A segunda morte da opinião pública**. Summus Editorial, 2020.

GIL, Antônio Carlos; VERGARA, Sylvia Constant. **Tipo de pesquisa**. Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul , v. 31, 2015.

GODEIRO, Mara. Entrevista. Entrevista concedida a Heloise Nascimento. Natal, 25 nov. 2025.

GOMES, Kamilla Abely Dias. **Corpo, voz e protagonismo feminino: representatividade, vivências e desafios de mulheres no jornalismo alternativo em Alagoas**. 2024. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

KOSHIYAMA, Alice Mitika; REIMBERG, Cristiane Oliveira. Sentido do trabalho, sofrimento e prazer para as trabalhadoras jornalistas. **Desigualdades, relações de gênero e estudos de jornalismo**, p. 19, 2018.

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, p. e54225, 2019.

LIBÓRIO, Bárbara Pereira. A construção da credibilidade jornalística da Revista AzMina como mídia radical ativista. **Pauta Geral**, v. 10, n. 1, p. 14, 2023.

LIMA, Laura Camara; CUNHA, Rafaella Carnevalli; BARBOSA, Bruna da Silva. Jornalistas vítimas de violência: estudo das circunstâncias e repercussões subjetivas. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 27, 2024.

MANSANO, Rúbia Gonçalves. **Jornalista e mulher: perfis, histórias e desafios**. 2024. 32 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MEDEIROS, Anelly. Entrevista. Entrevista concedida a Heloíse Nascimento. Natal, 05 nov. 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. Arquipélago Editorial, 2022.

NOGUEIRA, Francisco José Albuquerque. Jornalismo esportivo e invisibilidade feminina: uma análise sobre a presença das mulheres na programação esportiva das rádios de sobral, em 2019. **Anais do Seminário Internacional em Direitos Humanos e Sociedade**, v. 5, 2023.

PADILHA, Sávio Santos. **A discriminação sofrida pelas mulheres no jornalismo no Rio Grande do Norte**. 2025. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

RIBEIRO, Cristiane de Paula. Mulheres jornalistas e as desigualdades de gênero—século XIX, Rio de Janeiro. **Maracanan**, n. 34, p. 217-241, 2023.

RIBEIRO, Cristiane. “Chegou A Hora De Na Imprensa Apresentarmos”: Mulheres E Os Óbices Profissionais No Jornalismo, Rio De Janeiro, Século XIX. **Revista de História (São Paulo)**, p. a01622, 2022.

ROCHA, Mariana. Entrevista. Entrevista concedida a Heloíse Nascimento. Natal, 24 out. 2025.

SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. Gênero. **Albuquerque: revista de história**, v. 13, n. 26, p. 177-186, 2021.

SILVA, Giovanna Carvalhaes Figueira de Oliveira; LAPORT, Tamires Jordão. Machismo: fruto de esquemas desadaptativos. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 1, 2019.

SILVA, Gisele Barão; FONTES, Giulia Sbaraini; MARQUES, Francisco Paulo Jamil. Risks and resilience in the case of Brazilian female journalists: How women perceive violence against media professionals and cope with its effects. **Journalism studies**, v. 24, n. 7, p. 956-975, 2023.

SILVEIRINHA, Maria João; SIMÕES, Rita Basílio de. As mulheres tentam compensar. O verbo «compensar» é terrível, não é? Género e jornalismo em tempos de mudança. **ex aequo-Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres**, n. 33, p. 31-47, 2016.

SIMÕES, Rita Basílio de. Do trauma pessoal ao silenciamento público: implicações do assédio a mulheres jornalistas nos comentários online. **De que falamos quando dizemos “jornalismo**, p. 129-148, 2021.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Editora Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Érica Cristina Pereira Lima *et al.* A beleza é mesmo tão fugaz? padrões estéticos do telejornalismo tradicional e da internet. **Revista Gestão Organizacional**, v. 17, n. 3, p. 76-94, 2024.

TUCHMAN, Gaye. The symbolic annihilation of women by the mass media. In: **Culture and politics: A reader**. New York: Palgrave Macmillan US, 2000. p. 150-174.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado; MENDES, Henrique Alberto; LOPES, John Willian. (Org.). **Vozes do jornalismo cultural no Rio Grande do Norte**. Natal: Ed. dos Autores, 2023. 156 p. E-book.

VIANA, Liciane. Entrevista. Entrevista concedida a Heloíse Nascimento. Natal, 28 nov. 2025.

ANEXOS
ANEXO I – ENTREVISTA

1. Como foi o início da sua carreira no jornalismo e quais foram os principais desafios que você enfrentou como mulher nesse meio?
2. O que te motivou a escolher o jornalismo como profissão?
3. O que mais te orgulha na sua trajetória como jornalista?
4. Como é conciliar a vida pessoal com as demandas e pressões da profissão?
5. Você sente que o fato de ser mulher influenciou (positiva ou negativamente) o seu percurso profissional?
6. Já vivenciou situações de machismo na redação ou em coberturas jornalísticas?
7. Você acredita que o olhar feminino traz novas perspectivas ou formas de narrar as notícias?
8. Que conselho você deixaria para jovens mulheres que desejam seguir carreira no jornalismo potiguar?

APÊNDICES
APÊNDICE I - FOTOREPORTAGEM



**JORNALISMO
POTIGUAR**

uma fotorreportagem

Fotorreportagem



SUMÁRIO

- 01 Introdução
- 02 Mara Godeiro
- 03 Mariana Rocha
- 04 Anelly Medeiros
- 05 Anna Ruth Dantas
- 06 Liciane Viana
- 07 Conclusão

1 Introdução

Esta fotorreportagem apresenta um retrato sensível e necessário da presença feminina no jornalismo potiguar. Através de imagens e narrativa, o trabalho evidencia trajetórias marcadas por coragem, múltiplas jornadas, afetos, desafios e conquistas que moldam o cotidiano das profissionais que constroem a imprensa do Rio Grande do Norte.

Ao registrar suas vivências, olhares e rotinas, esta narrativa visual busca romper silenciamentos históricos e ampliar a visibilidade de mulheres que seguem transformando o campo jornalístico com ética, sensibilidade e resistência. Cada fotografia é um gesto de reconhecimento, uma forma de preservar memórias, revelar presenças e reafirmar o papel fundamental da mulher na comunicação potiguar.



2 Mara Godeiro: Provando Competência

Mara Godeiro mostra um início precoce e marcado, principalmente, pela inquietação com a prática jornalística. Ela destaca que começou ainda nos primeiros períodos, migrando entre Mossoró e Natal para manter um estágio em TV.

Ela destacou sobre uma constante necessidade de provar competência para alcançar espaços desejados, sobretudo o da reportagem, pois, como afirma, apesar de ocupar cargos de prestígio, percebia que "sempre ia ser colocada de lado e nunca ia conseguir chegar ao que eu queria".



"A gente sempre precisa provar que é boa"

Para Mara, a condição de mulher exigiu um esforço permanente de autovalidação profissional.

Mara Godeiro evidencia a sobrecarga da "dupla jornada ampliada".

"É difícil. É muito difícil... eu tenho uma filha de 8 anos e às vezes, principalmente por ser mulher, aquela cobrança... de cuidar mais da sua casa"



Mara Godeiro: Provando Competência

Motivações: Por Que Jornalismo?

Convívio Familiar

Mara sempre foi muito comunicativa e, desde cedo, se encantava com os estúdios e com todo aquele ambiente que envolvia a comunicação.



O Olhar Feminino:

Empatia

Mara acredita que o olhar feminino amplia a empatia e ajuda a gerar, nas pessoas, um forte sentimento de pertencimento.

Mariana Rocha: Aprendendo na Rua

3

Mariana Rocha menciona que, ainda sem saber "onde estava se metendo", aceitou seu primeiro estágio no segundo período: "eu fui tipo verde, sem saber de nada mas aceitei esse estágio".

Ela relata ter sido alvo de sexualização por colegas de Brasília, mencionando que ouviu comentários como "muito bonita a sua assessora" e até insinuações misóginas violentas.

"botam as mulheres jovens e bonitas com a câmera na mão pra fingir que é fotógrafa" e "garota de programa que ele conseguiu um cargo pra dar dinheiro pra ela"

Além disso, relata um desafio pouco discutido, mas recorrente entre mulheres da televisão: a adequação forçada da voz e da postura. "sofri dificuldades pra adaptar minha dicção, meu sotaque. Fiz fono".

Mariana conta episódios explícitos de julgamentos baseados na aparência e na idade, inclusive vindos de outras mulheres.

"já disseram que eu consegui vaga porque sou jovem e bonita"

Mariana Rocha afirma que já abriu mão de lazer, férias e convivência familiar por causa de plantões e coberturas. Reforça que: "a gente é jornalista 24 horas"



"foi na rua que eu aprendi a contar história errar, acertar, chorar"

Mariana Rocha: Aprendendo na Rua



Motivações: Por Que Jornalismo?

Para Mariana, o jornalismo se tornou uma escolha verdadeira apenas quando ela compreendeu, de fato, o que a profissão realmente significava.

O Olhar Feminino:

Mariana conta que, nas matérias mais sensíveis, ela costumava ser uma das escolhidas, justamente por demonstrar maior sensibilidade ao tratar desses temas.



4 ANELLY MEDEIROS JOGADA AOS LEÕES



Ela relata que foi "jogada na boca dos leões" ao assumir entradas ao vivo sem pauta, guiada apenas pelo improviso e pela coragem, algo que ela aceitou porque "queria muito pauta".

A experiência de Anelly apresenta o efeito das exigências sobre a maternidade:

"Hoje eu ainda acho que falhei demais como mãe... eu não tinha vida"

A trajetória de Anelly, a mais experiente das cinco, apresenta um início marcado pela vivência intensa da prática jornalística em um período em que o mercado potiguar era ainda mais fechado.

Sua narrativa reafirma a ideia de que mulheres, mesmo quando talentosas, frequentemente precisam aceitar condições de risco e incerteza para se manter no campo.



ANELLY MEDEIROS JOGADA AOS Leões



O Olhar Feminino:

Anelly afirma que as mulheres possuem um olhar mais amplo e sensível, capaz de compreender e sentir com mais profundidade a situação que a outra pessoa está vivendo.



5

**Anna Ruth Dantas:
Vivendo a
Comunicação**

Anna Ruth Dantas apresenta uma trajetória distinta: construída intensamente a partir do jornal impresso e do rádio, ela mesma afirma que "**vivia a comunicação**", iniciando ainda no segundo semestre e nunca mais deixando a rotina profissional.



Diferentemente das demais, não relata episódios explícitos de discriminação de gênero no início da carreira, mas sua narrativa evidencia a necessidade de sobrecarregar-se de múltiplos vínculos, jornal, rádio, assessoria, para consolidar seu espaço.





**Anna Ruth Dantas:
Vivendo a
Comunicação**

Motivações: Por Que Jornalismo?

Anna Ruth conta que descobriu sua paixão pelo jornalismo ainda muito cedo, aos 9 anos de idade.



O Olhar Feminino:

Ela acredita que, quando a mulher se permite ser autêntica e expressar suas capacidades, ela consegue entregar muito mais. Para ela, o jornalismo atual já não é tão rígido, abrindo espaço para essa expressão mais sensível e humana.

6 LICIANE VIANA: EXCLUSÃO VELADA



Liciane Viana mostra uma realidade atual do jornalismo potiguar, ainda que marcada por velhas práticas de exclusão. Apesar de declarar que em geral foi bem tratada, ao relatar sua tentativa de participar de um projeto esportivo, afirma:

"Eu entrei, mas eu não fui bem aceita. Nunca me deram a oportunidade de participar de nada, extremamente nada do projeto."



LICIANE VIANA: EXCLUSÃO VELADA

Motivações: Por Que Jornalismo?

Liciane Viana relembra que, desde pequena, brincava com uma escova como se fosse um microfone. Ela conta que sempre teve uma forte veia artística e uma inclinação natural para a comunicação.



O Olhar Feminino:

Ela destaca a versatilidade feminina ao afirmar que apresenta, edita e produz, desempenhando até cinco funções ao mesmo tempo.



Legado e Futuro
As experiências compartilhadas registram conquistas individuais, mas constituem um meio que inspira novas gerações



7 Conclusão

A pesquisa mostrou que as mulheres que atuam no jornalismo potiguar constroem suas trajetórias entre conquistas e desafios que ainda refletem desigualdades de gênero. Mesmo ocupando cada vez mais espaços nas redações, elas continuam enfrentando cobranças estéticas, múltiplas jornadas, episódios de machismo e a necessidade constante de provar competência.

Ao mesmo tempo, suas vivências revelam avanços importantes: maior representatividade, reconhecimento profissional, fortalecimento da ética e um olhar sensível e humanizado que amplia a forma de fazer jornalismo no estado.

A fotorreportagem produzida neste estudo contribui para registrar e valorizar essas trajetórias, resgatando memórias e dando visibilidade a histórias frequentemente invisibilizadas. Conclui-se que, embora ainda existam barreiras, as mulheres seguem transformando o jornalismo potiguar e abrindo caminhos para futuras gerações, reafirmando a importância de um campo mais plural, justo e representativo.



APÊNDICE II- QR CODE DA FOTORREPORTAGEM



APÊNDICE III- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

MARA GODEIRO

1. Como foi o início da sua carreira no jornalismo e quais foram os principais desafios que você enfrentou como mulher nesse meio?

“Eu comecei no estágio no primeiro período, eu fui para a Inter TV, na época era a TV Cabo G, e aí eu tinha conseguido ir em Mossoró, porque eu primeiro passei no primeiro semestre para a UERN e no segundo semestre era UFRN. Então eu fui para Mossoró, que era para poder adiantar o curso. E aí eu consegui esse estágio lá em Mossoró. Quando eu vim aqui para cursar o UFRN, então eu transferi o estágio para cá. E aí era a TV Cabugi na época, aí eu comecei como estagiária e aí quando eu tavafaltando acho que um ano e meio mais ou menos pra finalizar o curso, o Jânio Vidal foi meu professor de telejornalismo e aí ele pegou e me chamou pra vir pra Tropical. E aí eu vim para a TV Tropical, não como estágio, mas já como contratada mesmo. E aí eu passei a atuar como repórter. Depois de um tempo, quando eu me formei, um ano e meio, dois anos, aí a InterTV me chamou pra voltar. Então eu fui pra lá. Na InterTV, eu trabalhei como produtora, como editora, fazia reportagens especiais e aí eu fui editora assistente do Bom Dia RN, editora-chefe do Bom Dia RN e editora-chefe do RN TV 2ª edição. E aí eu pedi demissão pra voltar pra cá. Então foi sempre TV Tropical, InterTV. E aí eu pedi demissão pra vir pra cá, por quê? Porque eu tinha aquele sonho de ser repórter. Eu gosto do contato com o povo, eu gosto da apuração, eu gosto da apresentação, eu amo a apresentação, foi algo que eu realmente me descobri. Mas a reportagem é tudo pra mim. É o que brilha os meus olhos. Principalmente por você ter aquela coisa de tentar ajudar, de cumprir aquele papel social do jornalismo. E na rua você consegue ver muito isso. Então lá eu não ia ter, naquele momento, essa oportunidade. E aí eu peguei e disse: quer saber? Mesmo sendo editora-chefe do jornal de maior audiência do Estado, um cargo que muitos queriam estar, mas eu tenho que ir em busca do meu sonho, já que isso agora, nesse momento, não vai ser realizado aqui. Então, eu notei que eu sempre ia ser colocada de lado e nunca ia conseguir chegar ao que eu queria. E aqui eu teria essa oportunidade. Aí eu pedi demissão e vim para cá. E aí aqui, na TV Tropical, eu passei a fazer reportagens, depois assumi a apresentação do RN1A e sou hoje repórter também de rede. Então, eu faço as reportagens para o Nacional, principalmente Fala Brasil, Domingo Espetacular e Jornal da Record.”

2. O que te motivou a escolher o jornalismo como profissão?

“Minha mãe era maquiadora, é maquiadora. E aí, ela trabalhava na época na TV Cabo G. E aí eu via aqueles estúdios, eu ficava encantada. E eu sempre fui meio que da área de humanas. Eu sempre fui líder sociocultural na escola. Eu estudava no Salazinho de São José. Eu também participava dos jornaizinhos e tal. Então, aquilo ali... eu sempre fui comunicativa, sempre gostei muito dessa área. Então, o

jornalismo... acho que... aí eu via as pessoas na época, via o Margot, eu via... e eu me encantava com aquilo tudo. Então, foi muito disso. Eu acredito que eu tinha algumas habilidades e quando eu vi tudo aquilo, eu me encantei.”

3. O que mais te orgulha na sua trajetória como jornalista?

“Eu acredito que isso de você poder conseguir ajudar as pessoas por meio do seu trabalho. Essa função social do jornalismo me encanta muito. E isso a gente consegue muito fazendo reportagens. Estando na rua. E às vezes, pela sua influência... na realidade você precisa noticiar alguma coisa. Tem uma situação onde uma pessoa está ali precisando de um leito de UTI ou precisando de um medicamento caro da Unicat. Às vezes você consegue com reportagem, mas às vezes, dependendo, você não precisa nem fazer reportagem. Você faz ali uma ligação: ‘Ó, a situação é essa, essa e essa’, e você consegue ajudar as pessoas. Então isso de ajudar... eu acredito que todo mundo tem que ter, independente da sua profissão. Você tem que pensar assim: de que maneira eu posso contribuir com o próximo? De que maneira eu posso contribuir com o outro? Então, isso que o jornalismo... isso que a rua me proporciona... eu sou extremamente grata a Deus por ter me dado essas oportunidades.”

4. Como é conciliar a vida pessoal com as demandas e pressões da profissão?

“É difícil. É muito difícil. Eu sou casada. Eu tenho uma filha de 8 anos. Ele é bem compreensivo. Mas é bem complicado. Eu tenho que ter muito... quando eu estou com eles, eu tenho que realmente aproveitar. A gente acabou montando uma logística para que facilitasse isso. Hoje eu moro bem próximo à TV, então eu faço questão de deixá-la na escola, de almoçar com eles dois, então eu tenho aquele tempo com eles que eu não abro mão. À noite, faço questão de botar minha filha para dormir e ter aquele tempinho agora. Não é fácil, não é fácil. E às vezes, principalmente por ser mulher, aquela cobrança... você fica pouco tempo e você tem que cuidar mais da sua casa. Mas assim, diante das demandas, foi uma escolha minha. Meu marido também me empurrou para isso. Então são escolhas que a gente acabou fazendo. Diminuí minha carga horária no final de semana, isso eu já consegui, para poder ter mais tempo com eles. Mas é difícil, é um pouco difícil. Esse é um pontozinho sensível, de fato.”

5. Você sente que o fato de ser mulher influenciou (positiva ou negativamente) o seu percurso profissional?

“Positivamente?

Eu acredito que a gente tem aquela coisa de sempre provar que nós somos boas, independente de qualquer coisa. É um ambiente que é menos masculino do que em outras áreas, mas a gente precisa se posicionar sempre. Na área de assessoria de comunicação também... você tem reuniões com vários gestores, a maioria desses gestores homens. Então se posicionar, colocando o respeito, dando esse conhecimento técnico... e aí a partir do momento que você tem essa tríade, aí você consegue ter esse espaço. Mas é difícil. Não é fácil. Você sempre tem ali que... que de fato impor. E às vezes, quando se é uma mulher... que é uma mulher bonita... e aí é difícil. Porque assim... dependendo... tem uma piadinha, tem outra coisa. Então se você não chegar já impondo alguns limites, aí fica mais difícil. Então às vezes as pessoas pensam que você é chatinha. Às vezes podem ser mecanismos de defesa, não só meus, mas da maioria das mulheres também, que têm cargos de chefia, de liderança. Isso acontece.”

6. Já vivenciou situações de machismo na redação ou em coberturas jornalísticas?

“Dependendo... tem uma piadinha, tem outra coisa.”

“Tem que impor limites.”

“As pessoas às vezes pensam que você é chatinha porque você se impõe.”

7. Você acredita que o olhar feminino traz novas perspectivas ou formas de narrar as notícias?

“Com certeza. Eu acredito que o olhar feminino faz com que você tenha mais empatia. Antes de você chegar, a gente estava falando sobre o Dia Mundial de Doação de Sangue. E aí quando terminou essa entrada ao vivo, eu peguei e disse: ‘Ó, que bacana, é a valorização dessas pessoas, dos profissionais de saúde, das pessoas que estão doando... Deus tá vendo’. Aí eu botei assim: inclusive minha filha já recebeu doação de sangue do Hemonorte... quando ela era prematura. A gente pensa que nunca vai ter a necessidade de receber essa doação, mas hoje a gente pode doar, mãe, a gente que recebe. Então acredito que trazer esse aspecto... não acredito que seja com frequência que a gente tenha que trazer, mas fazer um depoimento desse contágio quem está assistindo. Dá nas pessoas aquele sentimento de empatia, aquele sentimento de pertencimento. E isso é muito bom. Eu acredito que a mulher tem essa sensibilidade a mais de colocar e dar um ‘up’ nesse conteúdo jornalístico.”

8. Que conselho você deixaria para jovens mulheres que desejam seguir carreira no jornalismo potiguar?

“Lutem muito, se preparem muito, sejam muito técnicas, leiam muito. Eu acredito que... pronto: hoje eu estou numa apresentação do jornal. Mas antes eu quis entender todos os processos por trás. E por muito tempo eu fui resistente a apresentar. Não é porque você é um rostinho bonito que você tem que estar na tela. Não. Você tem que estar preparada, você tem que entender tudo. Depois que você entende todos esses processos, você de fato pode chegar e apresentar um jornal.

Então, menos vaidade, menos glamour e mais preparação, mais tecnicidade. E sempre pensar assim: nós não somos menores do que XYZ profissionais homens. A gente consegue — e muitas vezes consegue fazer até melhor. Então força, meninas. Vocês vão conseguir. O mercado é difícil, complicado, mas sabendo se posicionar com seriedade, dedicação e... principalmente... a geração de vocês é imediatista. Tudo tem o seu tempo. Ter tranquilidade, paciência, resiliência... aí se consegue melhorar. E ter conhecimento também em várias áreas... direito... política... economia... saúde. É ler e estar antenado. Outra coisa: networking é fundamental. Você estar em situações onde de fato você pode ter contato com pessoas que podem te levar para algo que você queria. Então sigam, porque o jornalismo é maravilhoso. O jornalismo brilha os meus olhos. E pode brilhar o de vocês também.”

MARIANA ROCHA

1. Como foi o início da sua carreira no jornalismo e quais foram os principais desafios que você enfrentou como mulher nesse meio?

“O meu início de carreira, na verdade, foi uma surpresa, porque, na verdade, eu sempre sonhei em ser publicitária, que eu gostava muito de criar, já mexi em Photoshop, em edições. E aí, na época do meu vestibular, que foi em 2006, não tinha publicidade na UFRN. Então, eu fiquei muito em dúvida, né, gente? Eu acho que a gente é muito jovem pra fazer essa escolha, inclusive. E eu não sabia se eu botava arquitetura, porque tinha a ver também que eu gostava dessas coisas de criação, de ambientação. Mas aí meu olho bateu na comunicação social e disse, gente, jornalismo tem a ver. Olha só a minha escolha, que maluca, quando as coisas têm que acontecer. Nada por acaso. E aí eu decidi fazer jornalismo. Aí passei no primeiro vestibular e entrei pra UFRN no primeiro semestre.

E aí eu comecei a cursar jornalismo e no segundo período já me apareceu a oportunidade de fazer um estágio em assessoria de comunicação numa empresa já consolidada, inclusive do jornalista Flávio Marinho, que é o blog do FM, né? Flávio Marinho é um dinossauro do jornalismo, das assessorias potiguares. E aí eu fui tipo verde, sem saber de nada. Eu sempre tive essa característica de ser muito ousada, muito corajosa, assim, não sabia onde eu tava me metendo. Mas aceitei esse estágio. E na época, eu lembro que eu aceitei também muito empolgada, porque na época o salário mínimo, achoque era 380 reais, e ele pagava 400 reais por estágio. Então, assim, eu tava rica, ganhando. Mas, gente, jornalista parece que é bom o negócio.

Aí comecei a fazer assessoria com o Flávio Marinho, muito nova. Segundo período, você sabe de quê? Quase nada, né? É alguém que nem almejava ser jornalista, mas foi assim. A partir desse estágio, no segundo período da faculdade até hoje, eu nunca mais parei de trabalhar. Então assim, eu fui cada vez mais me envolvendo no jornalismo. Aí comecei em assessoria, aí depois entrei no portal de notícias, que na minha época, isso era 2007, tava começando os portais de notícias online, então assim, tava no boom do Dana Online, TN Online, NoMinuto, que era muito forte aqui na minha época. NoMinuto era um grande portal de notícias. E aí eu trabalhei no RN Notícias, que era um pequenininho, com muitos jornalistas estudantes. Mas aí fui pegando gosto pelo online, aí entrei no Diário de Natal também como estagiária e entrei na equipe do DN Online.

Então eu sempre fui muito desse ramo da agilidade dentro do jornalismo, de ser rápida, de apuração rápida, de ter que... Havia uma competição muito grande dos portais. Então eu me identifiquei muito com portais online. Aqui e acolá, uma matéria que eu fazia pro portal rendia pro impresso. Então eu já tive foto de capa do Diário de Natal, porque nosso faro jornalístico, né? Acaba você trabalhando em qualquer momento. Então, eu estava num restaurante, aconteceu um acidente, eu fotografei e escrevi a matéria e rendeu uma capa no outro dia.

Então, de repente, eu tinha dois estágios e mudei a hora de disciplina para estudar à noite, aí eu estagiei na DGPOL, aí fazia o Diário de Natal. Ou seja, eu passava a consumir... minha vida virou jornalismo e eu me identifiquei muito. E via que realmente eu escrevia muito bem, mas eu acho que eu tenho essa herança familiar, né? Porque meu avô, inclusive o centenário dele vai ser agora em outubro, porque ele era escritor, historiador, lançou vários livros, era professor. E meu irmão é um poeta. Enfim, eu tenho essa veia da escrita muito forte. Então eu super me identifiquei com o ato de escrever no jornalismo.

E passei por vários ramos, até que perto de terminar o curso, eu disse: gente, eu só não passei pela televisão. Eu vou tentar uma bolsa na TVU, porque a gente tem a TV universitária, é uma oportunidade. Na minha época ainda tinha Vânia Marinho, né? Nossa grande Vânia Marinho. A gente passava por uma bancada de entrevista, não sei nem como é hoje. A gente era entrevistado pra ser bolsista da TVU. E aí, eu consegui passar nessa bolsa e entrei pra TV.

Com três meses na TVU, eu fui convidada pra ser repórter na TV Tropical. Eu tô contando toda essa história só pra você entender o início da carreira que eu construí na televisão.

Então, com três meses na TVU, e a TVU já aparecia em TV aberta, eu recebi uma ligação de Cristina Vidal me perguntando se eu topava fazer um teste para ser repórter numa TV comercial. E eu estava na pauta da TVU quando eu comecei a aparecer na reportagem. Eu já recebi um convite.

E eu, corajosa, ousada, doida do juízo, sem nem saber direito assim... fui pra Tropical. Resultado: a Tropical foi a grande escola da minha vida. Eu já entrei, não foi nenhum teste. Foi assim, eu já entrei, já comecei a fazer matéria que já começou a sair. Ou seja, eu fui aprender no dia a dia. Então assim, eu acho que a faculdade foi muito importante em muitas coisas. Mas o que me ensinou de fato foram as ruas.

Foi na rua que eu aprendi a contar história, fazer reportagem, a errar, acertar, chorar. Me trancava no banheiro chorando. Sofri dificuldades pra adaptar... minha dicção, minha narração, o nosso sotaque. Sofri preconceito. Alterar ou não. Chegar e alterar. Parece uma dificuldade que ninguém enxerga. Até de voz mesmo. Então fiz fono.

Então construí a Mariana jornalista. A Tropical foi uma grande mãe. E uma grande escola. E aí com esses quase seis anos na Tropical, eu já tinha recebido um convite para ir para a InterTV, mas eu não me sentia pronta. Eu tinha uns projetos na Tropical que eu não queria deixar. Aí, na segunda oportunidade, eu disse: não, eu quero ter uma experiência na Globo.

Aí eu pedi demissão. Eu já apresentava o principal jornal da Tropical, que era o Jornal da Noite, há dois anos. Aí eu disse: não tem mais pra onde ir aqui. Eu já fiz tudo que eu podia na Tropical. Eu vou pra outro canto. Aí comecei na InterTV.

Quando você vai para a InterTV, pelo menos na minha época, era um jornalismo mais padrão Globo. Que hoje em dia a gente vê que o negócio tá meio diferente, né? Que eu não quero nem falar muito. Mas era outro padrão. Um padrão que me chamavam na sala para corrigir se eu dissesse uma entonação errada. Era esse padrão que eu vivi lá.

Com três meses na InterTV, eu recebi uma proposta para trabalhar em Brasília no Congresso Nacional como assessora parlamentar. Larguei tudo, fui. Não me identifiquei com o mundo da política e disse: não, meu negócio é a TV. Mesmo que seja para ganhar pouco, porque não se comparavam os salários.

Voltei para a InterTV. Passei mais de dois anos. Depois fui para a Band, para ter meu próprio jornal. Eu apresentei por três anos com a Heloísa, que era uma grande amiga que eu conheci na universidade.

E essa foi minha carreira na televisão, passando por quatro emissoras: TVU, Tropical, InterTV e Band.”

2. O que te motivou a escolher o jornalismo como profissão?

“O que motivou eu meio que respondi, né? Porque eu, na verdade, eu escolhi porque era a área de comunicação que eu já me identificava. Eu era uma pessoa que gostava muito

de me expressar, de criar. Então eu acho que o jornalismo não é muito criatividade, né? A gente trabalha com fatos.

Mas por eu ser sempre uma pessoa muito comunicativa... eu vi que fazia sentido pra mim. Mas foi... mas eu digo que o jornalismo, pra mim, foi uma escolha quando eu conheci, de fato, o que era o jornalismo. Antes de conhecer, não era uma escolha. Depois que eu passei a cursar, se tornou uma escolha, entendeu?”

3. O que mais te orgulha na sua trajetória como jornalista?

“O que mais me orgulha? É difícil a gente falar sobre si, né? Assim, mas... eu acredito que foi essa minha ousadia mesmo, minha coragem, porque eu digo não por mim, mas pelas minhas amigas jornalistas, que elas me citam como a mais corajosa, que sempre foi aceitando os desafios que apareciam pela frente.

Porque eu acho que a gente... eu nunca me acomodava, né? Na verdade, quando eu percebia que eu estava me acomodando, eu mudava. Eu mudava de ambiente, eu mudava de função, mesmo na mesma área.

Mas eu acredito que esse seja o meu maior orgulho: nunca ter deixado passar uma oportunidade. Eu sempre precisei experimentar pra depois eu dizer se eu quero aquilo ou não.

E eu creio que tudo que eu fiz durante essa carreira que eu construí foi graças a cada experiência que eu tive. Por mais louca que ela tenha sido, ela ajudou a construir quem eu sou hoje.”

4. Como é conciliar a vida pessoal com as demandas da profissão?

“Difícil, porque o jornalismo, eu digo que a gente é jornalista 24 horas. Mesmo quando a gente está em lazer, se a gente vê um fato, a gente precisa estar consumindo notícias, se atualizando o tempo todo. Então a gente acaba que trabalha mesmo sem estar trabalhando.

E principalmente na redação, que a notícia não para.

Já abri mão muito de réveillon, muito Natal, cobrindo missa, cobrindo festa de virada de ano, deixando de viajar quando eu era solteira, mais jovem, pra curtir festas no interior, porque eu sou muito festeira. Ou de ir para Pipa, pra essas coisas que eu gostava. Todo mundo ia e eu tinha que dar plantão na redação.

E era muito difícil conciliar horários porque todo mundo queria aproveitar. Então, eu digo assim, que quem é jornalista de redação faz por muita paixão mesmo. Porque a gente não tem uma remuneração justa, não considero justa aqui pelo menos, pra tudo que se exige da gente.

Principalmente televisão. Porque além da gente ter que escrever bem, falar bem, saber fazer as perguntas certas, a gente ainda tem que ter uma boa postura, uma boa aparência, falar bem.

Eu acho que a gente precisa abrir muito mão da nossa vida pessoal pra exercer essa profissão.”

5. Você sente que o fato de ser mulher influenciou (positiva ou negativamente) o seu percurso profissional?

“A gente não pode negar que sim. Acho que positivamente e negativamente.

Negativamente porque, principalmente atrelada à questão de ser jovem, à questão de ter uma boa aparência, uma certa postura, eu fui muito mal interpretada e cheguei a ser julgada inclusive por outras mulheres jornalistas, que isso me feriu muito.

E não é uma coisa que era só de conhecimento meu. Eu sabia porque era dito nos meios. Já chegaram a citar: ‘ah, ela conseguiu essa vaga porque é jovem e bonita’. Ou: ‘ah, ela tá lá porque é contato do governador’, quando eu fui para Brasília para o Congresso. E não tinha absolutamente nada a ver com isso.

Então, assim, há ainda muito preconceito. E eu não digo nem o machismo dentro dos próprios homens, mas dentro das próprias mulheres do nosso ramo, que sabem o quanto difícil é a gente conquistar as coisas.

Eu tenho convicção que tudo que eu conquistei foi fruto de muito trabalho desde cedo, muita determinação, muita coragem e muita sede de aprender.

Positivamente, para a televisão, o fato de ser mulher... a gente acaba vendo, pelo menos na minha época, que as mulheres meio que dominavam as bancadas. Hoje pode estar até o inverso.

Mas, na minha época, se buscava esse perfil. A gente tinha até um termo, que a gente dizia que era ‘a pupila de Jânio Vidal’.

Mas vejo que o que mais me toca é o lado negativo. Eu acho que o fato da gente ter essa característica de ser multifuncional favoreceu. Porque nos lugares que eu fui, eu nunca era só repórter. Eu era repórter e apresentadora, repórter e produtora, repórter, produtora e fotógrafa.”

6. Já vivenciou situações de machismo na redação ou em coberturas jornalísticas?

“Sim.

Teve esse caso quando eu conquistava alguns cargos, que havia julgamento. Nas redações, eu não diria, mas em Brasília eu sofria constantemente.

Eu acho que principalmente por ser uma profissional que está dentro de um meio muito masculino.

Eu já escutei piadas do tipo... ‘Muito bonita a sua assessora’.

E meu assessor dizia:
 ‘Incompetente é ela, viu?’
 Assim mesmo, bruto.

Já pediram pra eu mudar a forma de me vestir naqueles ambientes:
 ‘Mariana, aqui você não pode vestir como apresentadora. Você precisa se vestir como assessora. Pode botar um tênis, um boné, amarrar seus cabelos, porque você não pode chamar muita atenção.’

Eu precisei mudar a forma de me vestir e me comportar pra não chamar atenção exercendo a minha função.

E outras pessoas chegavam pra me dizer que...
 ‘botam as mulheres jovens e bonitas com a câmera na mão pra fingir que é fotógrafa, quando na verdade ela exerce outras funções.’

Diziam até:
 ‘Garota de programa que ele conseguiu um cargo pra dar dinheiro pra ela. Vem aqui fingir que tira foto.’

Isso é um absurdo.”

7. Você acredita que o olhar feminino traz novas perspectivas ou formas de narrar as notícias?

“Sim.

Eu creio que as mulheres têm uma sensibilidade mais apurada.

Na minha carreira, depois de estar mais amadurecida na TV, os editores dos jornais, quando eles queriam uma matéria mais especial, eles já sabiam qual repórter pedir.

E eu via que muitas vezes para matérias mais sensíveis, mais profundas, eu era uma das escolhidas porque eu tinha mais sensibilidade.

Eu via também minhas colegas mulheres nessas funções. E automaticamente os homens ficavam com coisas mais frias.

Outras matérias exigem mais. Exigem coração. E principalmente depois que uma mulher vive a maternidade, eu acho que a gente desenvolve outras coisas que o homem não desenvolve biologicamente.”

8. Que conselho você deixaria para jovens mulheres que desejam seguir carreira no jornalismo potiguar?

“Eu ouvi muito que o mercado era restrito, era muito seletivo, era muito difícil. Mas eu creio que isso serve não só para o jornalismo, mas para qualquer profissão.

Se você está se encantando com o que está fazendo... Não adianta nada estar cursando jornalismo e estar desencantada.

Se lhe dá um retorno que seja justo pra você...
E você está satisfeita... então não desista.

Mesmo com preconceitos, mesmo com piadas, mesmo com julgamentos baixos, muitas vezes...

É ter resiliência e acreditar em você.
Porque se eu tivesse me deixado abalar, eu não sei se eu estaria onde estou hoje.

Eu mantive minha ousadia, minha determinação.
Chorei em banheiro, me desanimei... mas me reerregui.

E digo: se você faz bem feito, com amor, com competência, sempre vai ter espaço pra você.

Porque nunca faltou espaço pra mim.

A fotografia, por exemplo... começou como hobby, por pura paixão.
E hoje é minha atividade principal.

Então, assim... acredite em você.
E não desista.”

ANELLY

1. Como foi o início da sua carreira no jornalismo e quais foram os principais desafios que você enfrentou como mulher nesse meio?

“Nossa, o início da minha carreira. Acho que eu entrei em jornalismo em 89. Acho que eu entrei em 89, em jornalismo. Em 91, a Band me chamou pra fazer estágio lá. Eu fiz na UFRN, né? Eu sou formada em comunicação social, jornalismo, na UFRN.

E com o quê? 89, 90, 91... dois anos, aí eu fiz um estágio lá na Band. Aí fiquei um ano lá, estagiando na Band. E aí já me colocaram pra fazer ao vivo, e eu fazia ao vivo lá com... bom, como era o nome dele? Era o programa **Povo no Rádio, Povo na TV**. Era fantástico.

Na realidade, pra começo de conversa, eu fiz jornalismo, mas quando eu tava lá, eu fiquei na dúvida se era isso que eu queria realmente. Foi por isso que tão cedo eu procurei o estágio. A pessoa disse: ‘ah, tá tendo estágio lá’, só que eu estava muito nova, ainda tinha só um ano e meio, dois anos de jornalismo. Eu disse: *mas eu preciso entrar pra ver se é isso que eu quero, porque pode ser que eu não me identifique tanto*.

E aí deu certo. Aí eu entrei lá na Band, aí estagiei. Aí já me colocaram como um ao vivo com Rubens Lemos, grande jornalista Rubens Lemos. E eu fazia os ao vivos dele. E era muito bom, porque era ao vivo, era na rua, e eu ia pra mercado, a gente ia sem pauta. E aquilo me encantou, entendeu?

Eu fui por um caminho talvez até diferente. Porque geralmente quando você vai, você faz um estágio, você vai ver quais são os setores que você quer, você quer ficar e tal. E eu queria muito pauta. Só que rapidamente disseram: *a menina não vai poder ficar no ao*

vivo, e vai você. Eu disse: ‘como assim?’ E aí me jogaram na boca dos leões lá. E eu ia sem pauta nenhuma. Ia com a cara e a coragem.

E aquilo me encantou. Porque eu gosto muito de povo. Eu gosto muito de rua. Eu gosto de dentro da redação. Diferente do que eu imaginava, que eu ia gostar dentro da redação.

E aí, me encantei.

Com um ano de Band, ainda no estágio, a CaboGme chama. A TV CaboG, que é a InterTV, né? hoje. E aí me chamou uma vez. Eu disse: *eu?* Eu disse que não queria três vezes. Ou melhor, duas. Na terceira eu disse: *eu vou lá escutar*. Aí eu cheguei, aí vi a estrutura, gostei demais. E aí entrei na reportagem da TV CaboG.

Foi em 92 que eu entrei lá. E aí fiquei trabalhando como repórter. Só que me encantei pelo **CaboGComunidade**, que era um programa que tinha lá aos domingos, que era só comunidade.

Aí me encantou. E eu ouvi a apresentadora dizendo que: *ah, eu não quero*, não sei o quê, ninguém queria fazer o CaboG Comunidade. Aí eu olhei aquilo e disse: *eu posso fazer? ‘Você?’*

Eu disse: *sim. Posso fazer um testezinho? Deixa eu fazer?*

E aí eu pedi pra apresentar o CaboG Comunidade.

E aí o CaboG Comunidade abriu portas pra eu ir pra um Bom Dia, Bom Dia RN. Aí eu era a repórter do ao vivo do Bom Dia. E comecei a fazer também estúdio. A apresentadora faltava, eu ficava. A apresentadora tirava férias, eu ficava. E nessa brincadeira eu fiquei apresentando o 1 também e o 2.

E eu me especializei mais no RN2.

E fiquei lá. Trabalhei lá **18 anos** como repórter e apresentadora. Lá em CaboG.

Ao mesmo tempo disso, em 2000, **Agnelo Alves** — que era o dono da TV CaboG — foi escolhido como prefeito de Parnamirim. E aí ele me chamou para ser assessora dele. E eu acabei trabalhando nos dois. Apesar que naquela época você não podia. Era conflito de interesses.

Você ser uma assessora de comunicação e ser de jornalismo não podia de jeito nenhum. Mesmo assim, como ele era o dono da TV CaboG, acabou abrindo esse espaço para eu trabalhar no serviço público.

E eu comecei a trabalhar em assessoria. Na época, assessoria de comunicação era totalmente à parte. Hoje ainda tem dificuldade? Imagine naquela época.

Só que eu gostei também. É uma coisa que eu me identifiquei muito. Porque assessoria de comunicação nada mais é do que o intermédio entre a comunicação e o seu assessorado.

Ou seja: eu tenho que ter inteligência suficiente e know-how no jornalismo para eu descobrir pautas relevantes para o telespectador.

E aí eu gostei também.

Porque não é só você dizer: *ah, eu quero vender esse negócio e você vai vender*. Eu tenho que raciocinar de uma forma que um leitor, a pessoa que está assistindo a TV, ela queira assistir e seja relevante pra vida dela.

E aí fiquei de 2000 até 2018 na prefeitura de Parnamirim.

Aí eu passei trabalhando com jornalismo. Trabalhei com Agnelo Alves, depois com o prefeito Maurício, e depois com o Taveira, que saiu agora. Até que o CREA me chamou pra trabalhar lá.

Nesse meio eu saí da CaboG, era 2010, eu saí da CaboG. Mas eu já trabalhava na Tribuna também, tinha uma coluna de Judiciário que eu escrevo lá.

E a Jovem Pan me chamou também para fazer o programa de rádio com Virgínia, que é a minha parceira.

Então é uma vida assim bem... agora de poucas mudanças.

Se você observar, diferente de muita gente, eu fiquei muito tempo na CaboG: 18 anos. Fiquei **16 anos** numa prefeitura, trabalhando com comunicação pública.

E ao mesmo tempo, nunca parei o jornalismo.

Eu continuo escrevendo pra Tribuna e no rádio, que é o que eu gosto.”

2. O que te motivou a escolher o jornalismo como profissão?

“Eu sempre gostei de notícia. Eu sempre gostei também de contar histórias. Sempre tive essa vontade. Então eu tinha muita atenção nas matérias desde novinha. Eu gostava de assistir os jornais e tudo mais.

E aí quando veio mesmo trabalhando, eu me encantei muito pela polícia, eu trabalhei muito tempo mais na área voltada de polícia, porque eu adorava contar as histórias. Sempre eram histórias superinteressantes, de vida, dessas pessoas que enfrentam dificuldade com a polícia, mas sempre tem por trás uma história, uma luta de dificuldades, de abusos muitas vezes.

Então eu sempre tive um olhar muito grande pra polícia.

E quando eu entrei no CaboG Comunidade, me encantei também com a comunidade.

Foi outra coisa que eu me identifiquei.

Mas a princípio foi mais ou menos isso. Eu sempre gostei de notícia e gostava de contar histórias. Foi jornalismo.”

3. O que mais te orgulha na sua trajetória como jornalista?

“O que mais me orgulha é a ética. Eu sempre trabalhei com muita ética.

Então, para contar histórias, você precisa contar de vários ângulos, mas com muita ética. Sempre olhando pra pessoa como um cidadão, como uma pessoa que eu posso impactar, eu posso destruir ou eu posso exaltar.

Então eu sempre tive muito cuidado. E eu fui de uma época onde a redação era assim.

Então eu me lembro demais de um caso, lá atrás, que mandaram a gente fazer a prisão de um enfermeiro. Porque o enfermeiro fez um parto.

E quando eu cheguei lá, nesse interior, foi um escândalo. Quando eu cheguei lá, vi um homem que só tinha ele pra fazer parto. Numa comunidade não tinha ninguém. E a mulher estava parindo. E ele fez o parto dessa pessoa. E foi classificado como se ele estivesse tomando lugar de médico. E ele foi preso.

Quando eu cheguei lá, que eu vi a situação, eu disse: *gente, mas isso não...* Voltei pra redação e disse: *eu não vou fazer a matéria.* ‘Por que você não vai?’ ‘Porque aconteceu isso. Isso era no interior, onde não tem médico, onde não tem unidade de saúde. Só tem aquele homem pra fazer. E ele faz.’

E tinha lá muita gente defendendo ele.

A resposta da minha diretora foi: **‘Suspenda. Não faça.’**

Então ela aceitou o que eu estava dizendo.

Se fosse hoje em dia, era diferente. Porque com o advento da internet, se joga na internet e viraliza: *por que você não fez?* Não interessa se foi feito com cuidado ou não.

Mas antigamente...

Então o que eu mais me orgulho é isso: **sempre ter ética e sempre fazer a matéria olhando pra pessoa e vendo se aquilo ali vai ser bom pra ela. Não era pra mim. Era pra ela.”**

4. Como é conciliar a vida pessoal com as demandas da profissão?

“Muito difícil. Muito difícil mesmo.

Hoje eu ainda acho que falhei demais como mãe, principalmente do meu primeiro filho. Porque eu não tinha vida.

A gente trabalhava em jornalismo, então trabalhava de manhã na TV, e às vezes sempre passava horário.

A gente trabalhava sábado, domingo, feriado, Natal, Ano Novo.

Então o apelido lá em casa do meu filho, do meu primeiro filho, era **o Poti**.

O Poti era um jornal que só saía aos domingos. E chegava lá em casa, lá em mamãe, às sete da manhã. Era o meu filho.

Aí mamãe dizia: *chegou o Poti*.

Quase todo domingo eu tinha que deixar ele lá.

Então eu acho que eu sinto muita falta de ter ficado mais junto.

Já a minha filha, minha segunda filha, tem diferença de 15 anos. Então já estava estabelecida.

E eu já não queria mais trabalhar no sábado e domingo, então eu pagava já pra alguém trabalhar pra mim. Então já foi outra realidade.

Aí já é diferente, entendeu?”

5. Você sente que o fato de ser mulher influenciou (positiva ou negativamente) o seu percurso profissional?

“Pois é, uma vez me fizeram essa pergunta. E o que eu falei pra ela, ela não gostou.

Porque era pra dizer que a gente sofria muito preconceito.

Mas **a minha trajetória não é de preconceito.**

A minha trajetória é rodeada de mulheres, muitas mulheres, onde os homens estavam em local de liderança, mas rapidamente as mulheres começaram a ter um lugar.

Quando eu entrei na CaboG, a diretora era um homem. Mas não deu cinco anos, foi uma mulher. E ela ficou até recentemente.

Quem era a editora? A gente tinha dois editores e eram três editoras mulheres.

Nós éramos um grupo de mais mulheres do que homens.

Depois me colocaram como apresentadora, poderiam ter escolhido os meninos, mas me escolheram.

Eu fui assessora de comunicação da Prefeitura de Parnamirim por três mandatos, por três prefeitos.

Ele podia ter escolhido um homem, mas era uma mulher.

Então como é que eu posso dizer que eu tive preconceito?

Quando eu falei isso pra ela, ela disse: *não, acho que você formou uma exceção.*

Eu disse: *tá certo. Vou lhe dizer uma coisa.*

A assessora de comunicação do TJ é uma mulher.

A assessora do TRE, mulher.

A diretora da TV Ponta Negra? Mulher.

Como é que a gente pode falar que não tem espaço?”

6. Já vivenciou situações de machismo na redação ou em coberturas jornalísticas?

“Se você fala de preconceito... tem da sociedade. Aí existe, existia.

Apesar deles me respeitarem muito, sempre me respeitaram, mas sempre tinha uma piadinha a mais com a mulher jornalista, mulher repórter, porque sempre teve o estigma de que as mulheres repórteres tinham a cabeça leve, livre e solta.

Às vezes era uma brincadeirinha... mas eu sempre me portei. Nunca teve nada a mais. Fora isso, eu tive todas as oportunidades.”

7. Você acredita que o olhar feminino traz novas perspectivas ou formas de narrar as notícias?

“Faz. Totalmente. Totalmente.

Eu acho que a gente tem um olhar muito maior de todas as situações.

É aquilo que eu te falei lá atrás: é de você fazer uma matéria e não olhar uma matéria num papel e numa caneta. Não é isso.

É você sentir aquela situação que a pessoa está passando.

Então a gente tem muito mais sensibilidade.

Você diz: ‘essa matéria não vai ser legal pra essa pessoa, ela não vai ser bem vista no bairro dela’, e aí a gente consegue ter mais sensibilidade, eu acho.”

8. Que conselho você deixaria para jovens mulheres que desejam seguir carreira no jornalismo potiguar?

“Ai, que sigam com muita dedicação, porque eu acho que o jornalismo precisa de muita dedicação.

Precisa de profissionais com sensibilidade e com ética.

E eu acho que nós mulheres temos tudo isso.

Eu acho que a gente consegue galgar muitos espaços no jornalismo.

O jornalismo não tem preconceito como as pessoas imaginam.

A gente tem muito espaço.

E se dedique, se dedique.

E uma coisa que pra mim foi fundamental: **eu nunca tive preguiça de fazer o meu trabalho e de tentar fazer o meu trabalho bem feito.**

Invista na sua carreira.

Mas invista na carreira olhando pra todos os lados.

Não fique focada só em escrever. Mas fique focada também em editar, em fotografar.

Então eu acho que... não existe espaço para o jornalista de hoje se você não souber fazer tudo.

Então, invista na sua carreira, mas olhando para todas as perspectivas.”

AN ANNA RUTH DANTAS

1. Como foi o início da sua carreira no jornalismo e quais foram os principais desafios que você enfrentou como mulher nesse meio?

“Eu entrei na faculdade muito jovem, ia fazer 18 anos de idade, e desde o início eu já entrei muito...Era uma espécie de ansiedade para entrar no mercado, então meu primeiro estágio foi logo no segundo semestre da faculdade. Foi no segundo semestre da faculdade que eu comecei o meu primeiro estágio.

O primeiro estágio foi na **Tribuna do Norte**. Lembro que eu fui buscar, sabendo absolutamente nada, nunca tinha entrado no jornal, e aí eu fui lá e pedi um estágio a um jornalista chamado **Osair Vasconcelos**, né? Porque ele era diretor de redação.

E eu estagiei por um mês na Tribuna do Norte.

E aí depois eu voltei, eu acho que eu voltei, eu devo ter voltado aí quatro meses depois desse primeiro estágio. Eu voltei e aí já comecei na carreira da Tribuna.

Isso era seguramente... isso era dezembro do ano, enfim, do meu primeiro ano de faculdade, quando eu comecei efetivamente na Tribuna.

Aí depois eu passei **19 anos na Tribuna do Norte**. Paralelamente à Tribuna eu já comecei a enveredar pelo jornalismo do rádio também. Eu atuei... sou um pouco ruim de data, mas seguramente eu acho que eu atuei uns dez, doze anos na **Rádio Cabugi**, em Natal.

Eu apresentava um programa chamado **Panorama Político**. Apresentava ao lado de **Agnello Alves** e de **Virginia Telly**. Eu passei mais de dez anos nesse programa.

E foi paralelo à minha carreira na Tribuna do Norte, na minha carreira de repórter impressa.

E aí eu já comecei também a fazer alguns trabalhos de assessoria de imprensa, mas sempre paralelos. Nunca assessoria de imprensa assim... nunca foi minha prioridade. Minha prioridade sempre foram os veículos de comunicação de massa.

E eu comecei a atuar nisso quando foi... depois que eu saí da Tribuna do Norte em 2015... Eu saí da Tribuna em 2015, e aí eu já estava na Rádio Cidade, na **94 FM**. Eu estava na Tribuna; finalzinho da Tribuna eu já fui para a Rádio Cidade.

E aí eu fiz um programa, fazia um programa chamado **Jornal da Cidade**. Fiz por 12 anos esse programa, um programa que era das 7 da manhã às 8 e meia da manhã, lá na Rádio Cidade.

E agora, desde 2 de julho deste ano, eu saí da Rádio Cidade e vim para cá, vim para o **Grupo DAI**, onde eu estou agora, assim, muito feliz, muito feliz mesmo.

Estou no Grupo DAI, eu faço dois programas aqui: faço um de **6 às 7 da manhã**, na 98FM, chamado **Primeira Pauta**, e outro de **7 às 8 da manhã**, que foi esse que terminou agora, que eu chamo **Jornal da Manhã**, que é na Jovem Pan Natal.

Então faço esses dois programas hoje, especificamente hoje, que eu digo na atualidade.

Como é minha atividade? Eu começo, minha primeira atividade é na 98FM, é de 6 às 7 com Primeira Pauta, depois de 7 às 8 na Jovem Pan Natal.

E aí, quando sair daqui agora, eu vou para a **Justiça Federal do Rio Grande do Norte**, eu sou supervisora de comunicação lá.

E aí, quando for no final da tarde, por volta aí das quatro horas da tarde, eu vou para a **Band RN**, onde eu faço um programa chamado **Band Cidade**.

Todos os dias eu apresento o Band Cidade. É um programa ao vivo das 18h50 às 19h20. Mas, obviamente, eu chego mais cedo, porque eu vejo a questão da... enfim, eu sou uma espécie de editora geral do programa.

E lá na Band também eu apresento um programa chamado **Band Entrevista**, que é um programa semanal, toda semana uma entrevista aos sábados. É um programa aos sábados. Então assim... basicamente, são as minhas atividades.

E, paralelamente a isso, algo que eu faço, que é muito prazeroso para mim, é quando eu sou convidada para dar palestras.

Então, hoje, literalmente, é uma vertente, é um tentáculo que eu gosto muito, que me dá muito prazer, que é dar palestras.

Por exemplo: semana passada eu estava falando em um encontro regional de vereadores sobre **construção de marca**, como é que a comunicação auxilia para a construção da sua marca.

Amanhã... amanhã sábado, dia 8 de novembro de 2025, eu vou dar uma palestra num evento chamado **Movimento Mulheres Progressistas**, um evento que vai acontecer em Natal, reunindo 700 mulheres, onde eu vou falar sobre como a comunicação atuou na construção da marca da ex-governadora **Wilma de Faria**.

Terça-feira foi outro evento maravilhoso que eu participei com crianças. Elas me convidaram para falar sobre como é ser jornalista.

Então, assim, eu dizia isso semana passada nessa palestra para vereadores e eu digo isso para a minha vida: **eu não trabalho**.

Eu vivo o jornalismo, eu vivo a comunicação. Então nada para mim é trabalho. Acordar às três e meia da manhã para mim não é trabalho. Estar aqui falando com você sobre comunicação não é trabalho. Porque eu estou falando sobre a minha vida.

Então, isso é o meu propósito de vida. Para mim, tá tudo certo. Não é trabalho.”

2. O que te motivou a escolher o jornalismo como profissão?

“Essa semana, inclusive, as crianças me perguntavam o que me inspirava.

Eu acho que não. Eu tenho absoluta certeza: **ninguém me inspirou**.

A minha descoberta do jornalismo foi aos **9 anos de idade**, isso é muito forte para mim essa memória.

Eu estava fazendo uma tarefa, estava estudando no colégio chamado **Educandário Santa Terezinha**, em Caicó, e aí a professora — era uma sexta-feira, me lembro disso também — era uma sexta-feira, a professora disse assim:

‘Ó, vocês vão para casa e durante o final de semana eu quero que vocês tragam **um resumo de uma notícia**, independente de onde escutar, onde assistir. Resumo de uma notícia.’

Ok.

E aí eu, quando cheguei em casa, ao invés de trazer o resumo de uma notícia, na segunda-feira eu apresentei para a professora **o resumo de dez notícias**.

Mas, na verdade, e todos os outros meus coleguinhas, era uma notícia.

E naquele momento eu não apresentei só o resumo de dez notícias. Na verdade, eu levei para a escola já **o sonho que despertou ali**, que era ser jornalista.

Meus pais não eram... meu pai era professor de educação física, minha mãe também... não tenho ninguém na minha família jornalista, nem com um pezinho na comunicação.

Mas despertou. E realmente é algo que me fascina a cada dia.”

3. O que mais te orgulha na sua trajetória como jornalista?

“Uma das crianças me fez a pergunta: ‘Ah, como é ser famosa?’

E eu olhei pra ela, eu disse de forma muito sincera:

eu não me acho famosa.

Eu acho que eu escrevo... tem uma música de Cidade Negra que diz: *‘Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar aqui’*.

Eu sei.

Eu caminhei muito, foram muitas pedras e muitos desafios postos desde o início.

Mas a minha sensação é que **eu tô só começando**.

Hoje, por exemplo, foi um dia que eu saio muito feliz. Eu acho que eu entreguei o melhor de mim.

E não é que é o melhor momento da minha carreira. Eu acho que o melhor momento vai ser sempre amanhã, se eu conseguir fazer uma manhã melhor do que hoje.”

4. Como você concilia vida pessoal e vida profissional?

“Eu não sou mãe pelas vias naturais, eu não tive filhos, mas eu me considero mãe de muita gente.

Eu acho que Deus não me deu um filho porque eu tenho muitos filhos adotivos.

Mas é uma tarefa de conciliação muito difícil. Coincidentemente ontem à noite eu estava conversando com meu marido sobre isso.

Eu já tive que passar assim **dois dias sem ver meu marido**.

Por quê?

Porque eu saio de casa às três e meia da manhã. Eu acordo às três e meia, eu saio às cinco, cinco e vinte. Quando eu saio, ele tá dormindo.

Meu marido é cirurgião. Quando ele chega em casa, às vezes ele tem cirurgias muito longas, e já aconteceu de ele chegar às 11 da noite.

O _____ que _____ acontece?
Eu tô dormindo.

Então nesse dia a gente não se viu, a gente só se falou pelo telefone.

Mas eu tenho muita compreensão da parte dele.

E uma forma que eu encontrei de não comprometer minha vida pessoal é de **me entregar**.

Por exemplo, quando eu estou em casa, eu vejo muito pouca mensagem no WhatsApp. À noite eu tento evitar ao máximo qualquer tipo de trabalho, porque eu me entrego ao meu marido.

Final de semana passado, estava toda a minha família na minha casa. Ali ninguém contasse comigo, porque eu estava vivendo pra eles.

Mas, por outro lado, a todo momento você está absorvendo notícia.

Mas isso não compromete. Eu acho que tudo passa por uma palavra chamada **equilíbrio**.

Durante muitos anos eu viajando com meu marido pra tirar férias, eu fazia o programa de rádio de lá. Tinha diferença de fuso de cinco horas. Eu acordava no horário de lá três da manhã pra fazer o programa. Eu passei seguramente uns seis anos fazendo isso.

E depois, com a maturidade, você vê... e começa a buscar um substituto. E aí as coisas vão ficando mais claras pra você.”

5. Você sente que o fato de ser mulher influenciou positivamente ou negativamente o seu percurso profissional?

“Não. Não acho, sabe?

Eu vou dizer o diferencial de ser mulher que eu percebia.

Eu comecei muito cedo, comecei aos 18 anos. Então qual era a minha preocupação?

Minha preocupação era mostrar que **eu era mais velha**, para que os entrevistados me dessem a entrevista.

Eu adotava a postura de **blazer**. Muitas roupas sérias, para que imaginassem que eu era mais velha, para impor um pouco mais de autoridade.

E o fato de ser mulher... o que eu acho que me ajuda muito é a **sensibilidade**.

Eu acho que o fato de ser mulher me traz uma sensibilidade muito maior.

Por exemplo hoje, eu trouxe uma notícia de médicos de unidades básicas que estão sem receber salário desde março... e um dos médicos dizia que colegas já tiveram pensamentos suicidas.

Isso é muito mais aflorado em mim.

Eu sou muito mais sensível.

Teve um dia que eu estava entrevistando aqui na rádio a mãe de uma jovem assassinada, e eu chorei no ar. Na TV também.

Eu não escondo a emoção.

A minha comunicação é feita **com emoção**, não só com técnica.”

6. Você já vivenciou situações de machismo na redação ou nas ruas?

“Minha preocupação era parecer mais velha. Para impor autoridade. Mas machismo em si... não considero que tenha sido determinante. Para mim, o diferencial era a sensibilidade feminina, não o preconceito.”

7. Você acredita que o olhar feminino traz novas perspectivas ou formas de narrar as notícias?

“Ah, eu acho que sim.

O olhar feminino... cada gênero tem sua característica. Não é que um é melhor do que o outro.

Mas no caso do olhar feminino, **se a mulher se permite isso**, ela vai entregar muito mais.

Hoje o jornalismo, graças a Deus, não está tão cisudo.

Então você consegue levar leveza quando o assunto é leve, e levar emoção quando o assunto exige.

Para mim isso é muito tranquilo.”

8. Que conselho você deixaria para jovens mulheres que desejam seguir carreira no jornalismo potiguar?

“Eu deixaria o conselho para todo mundo:

Siga o seu sonho.

Quando eu decidi ser jornalista, ainda nem tinha entrado na universidade. E eu me recordo que eu busquei algumas jornalistas e eu escutei muito **desestímulo**:

‘Jornalista não ganha dinheiro.’

‘Jornalista trabalha demais.’

‘Largue isso.’

‘Você é muito inteligente para ser jornalista.’

‘Por que você não vai ser médica?’
 ‘Por que você não vai ser advogada?’

Mas você não tem que escutar ninguém.

Você tem que se escutar.

O princípio de tudo é: descubra o que você quer.
 Descobriu o que você quer?

Siga o seu caminho.

Qualquer carreira só depende do nível de **doação** que você vai entregar para ela.”

LICIANE VIANA

1. Como foi o início da sua carreira no jornalismo e quais foram os principais desafios que você enfrentou como mulher nesse meio?

“Bom... Eu iniciei no jornalismo dentro da própria UFRN. Era pandemia quando eu iniciei na faculdade. E eu tava louca pra... ansiosa pra começar alguma coisa em jornalismo. E eu lembro que abriu uma vaga para estagiário na AGECOM, que é a agência de comunicação. E eu lembro que essa vaga era especialmente voltada para bolsistas. E eu não me enquadrava dentro do padrão dos bolsistas, né? De baixa renda e etc. Mas na minha cabeça eu disse, cara, eu vou tentar porque eu não já tenho.

E naquela época era online, então ele só ia saber realmente ao final da entrevista. Eu lembro que na época era o diretor, foi o diretor que fez a entrevista comigo, que na época era a Paiva, hoje ele está como, se não me engano, diretor da rádio universitária. E eu lembro que quando terminou a entrevista, ele disse, gostei, gostei. E aí, eu quero que você me envie os documentos. Eu disse, ó, então... eu não tenho o documento, mas eu queria muito a oportunidade, se você tiver estágio voluntário, etc, etc. Ele ficou incrédulo: ‘Eu não estou acreditando, você tentou’, enfim. No final eu consegui, eu consegui.

Só que quando eu escolhi jornalismo, eu escolhi com um pensamento em TV. Porque eu sempre fui muito fã de TV, sempre fui fã de vídeo. Então, eu entrei com esse pensamento. Na GECOM eram trabalhos para o site institucional da UFRN. Era uma vibe muito legal, porque eu queria também me experimentar em outras coisas. E hoje eu entendo que foi muito importante essa passagem, mas eu fui lá e eu disse, eu não vou ficar muito tempo aqui. E ele mesmo disse, né? Eu lembro que o Paiva disse: ‘cara, não é o seu perfil. Você tem muito perfil de TV.’ Eu disse, ok.

Passei, se não me engano, seis meses... não, quatro meses, talvez, na GECOM. Tentei entrar pela TV, na época era uma diretora mulher. Ela não abriu vaga, porque só tinha vaga para bolsistas e ela não queria mais aceitar uma vaga de voluntária. Quando foi, deixei mais um tempo e tentei de novo. Aí ela aceitou, disse: ‘não, vou lhe dar uma chance, vou lhe dar uma oportunidade’ e iniciei na TV Universitária. E na TV Universitária foi onde tudo aconteceu, né?

Sobre os desafios como mulher, graças a Deus eu fui muito bem aceita por onde eu passei. Eu não tive um preconceito explícito a porque é mulher, mas tem um trajeto, uma parte da minha graduação que... até hoje, assim, eu fico meio, se era o fato de eu ser mulher, se era o fato de eu ser mãe, se eu ser esposa, dona de casa, também existia esse preconceito, né?

Eu sempre me identifiquei muito com esporte, a minha adolescência inteira eu fiz esporte. E quando eu estava no jornalismo, eu queria experimentar, participar de uma transmissão, ir para o estádio, até esse outro lado, experimentar as várias coisas, como eu falei, que o jornalismo oferece. E acabei tendo a oportunidade de pedir muito para entrar num projeto de esporte que tem na universidade. Eu entrei, mas eu não fui bem aceita. Nunca me deram a oportunidade de ir para uma transmissão, nunca me deram a oportunidade de participar de nada, extremamente nada do projeto.

E até hoje eu não sei o que aconteceu. Se era realmente um preconceito por eu ser mulher, apesar de que tinha outras mulheres. Se era um grupinho que já tinha marcado lá, gravado, só vai participar esse grupinho. Eu nunca descobri o que foi que aconteceu, especificamente. Mas, no meu ambiente de trabalho, a maioria é composto por mulheres, agente é muito bem tratada. Então... No jornalismo em si, que eu me recorde, eu não tive problemas ou qualquer que seja o desafio. Acho que onde eu cheguei, onde eu estou, foi muito pela minha competência.”

2. O que te motivou a escolher o jornalismo como profissão?

“O jornalismo sempre fez parte da minha vida. É interessante, se eu fizer um resgate da minha infância, eu tenho muitas, muitas memórias na minha mente, assim, de momentos... Eu brincando na sala da minha casa, com uma escova de cabelo na mão, como se fosse fingindo que é um microfone. Muitas filmagens, eu na casa da minha avó, entrevistando minha avó, meu avô.

Então, assim, a veia artística e de comunicação, ela sempre esteve presente em mim. O meu pai, ele cantava muito, né, então o microfone se fazia presente na minha vida, na minha casa. Meu pai cantava em barzinho, eu via meu pai ali cantando, então meio que eu sonhava ali junto com ele.

Só que o que aconteceu na minha trajetória, a imagem que o jornalismo tem no interior é de um profissional que ganha muito, muito ruim. Não que não seja hoje, né, hoje em dia. Pula essa parte. Mas ele enxergava somente aquela pessoa que trabalhava no rádio ali no interior, que ganhava o mínimo do mínimo. E ele não queria isso pra mim, meus pais, então eles não me apoiavam na época de fazer comunicação. Eles não enxergavam o potencial que o jornalismo tinha, né? De ir pra fora, enfim.

E eu acabei desviando desse caminho e fiz farmácia. Então, a minha primeira formação é como farmacêutica. E eu fui muito feliz também como farmacêutica. Eu trabalhei por 10 anos como farmacêutica. Fui morar em Recife pra acompanhar meu marido. E no final,

quando eu voltei para Natal, foi que eu quis resgatar essa oportunidade de tentar fazer jornalismo. Aí tentei a mim, para tentar entrar na UFRN.”

3. O que mais te orgulha na sua trajetória como jornalista?

“Resiliência. Eu tive muita resiliência para chegar até aqui. E às vezes eu fico pensando como seria se eu não tivesse... se eu tivesse feito jornalismo há um tempo atrás, como é que seria a minha carreira?”

As coisas aconteceram tão rápido para mim que às vezes eu me assusto com a velocidade, como foi o fato de ter passado pouco tempo na TVU, três meses depois eu já ter sido contratada, de carteira assinada, estar onde eu estou já tem três anos que eu estou exercendo esse trabalho, um trabalho que eu gosto muito.

Então, assim, eu fui muito resiliente em entender o tempo que necessitava para estar vivendo tudo isso. Fui muito resiliente para entender que eu também precisava de tempo para aprender e absorver tudo que o jornalismo oferecia.

Fui muito resiliente também quando no início eu recebia muitas críticas e eu pensei em desistir várias vezes, em entender talvez que não fosse a profissão para mim. Porque ser jornalista, você tem que estar pelo menos no âmbito que eu, a esfera que eu gosto, o rádio e a TV. Você está muito exposto, então você está sujeito a muitas críticas, você está sujeito a lidar com pessoas que vão concordar e que vão discordar da tua opinião. Então você precisa ser muito resiliente, precisa ter muita maturidade. E apesar de ser pouco tempo dessa trajetória, eu tenho construído muito esse fator de resiliência nesse tempo de formação.”

4. Como é conciliar a vida pessoal com as demandas e pressões da profissão?

“Pois é. Como é conciliar a vida pessoal com as demandas e pressões da profissão? Exatamente. Essa pergunta é maravilhosa para debater. Eu sentaria com você e falaria horrores. Por quê?”

Eu sou casada, eu tenho dois filhos. E, infelizmente... eu não falo assim, eu tive que abdicar do meu tempo, assim, que eu falo para cuidar dos meus filhos, porque eu gostaria de trabalhar muito mais e eu não consigo. Porque eu tenho as minhas obrigações como mãe, como esposa, como dona de casa, mas principalmente em dar atenção aos meus filhos com as demandas deles, e ali eu falo escola, eu falo esporte, o inglês.

Então, para mim, foi assim que eu me formei uma espécie de frustração. Eu criei uma expectativa de que eu poderia ganhar muito mais. E eu não conseguia. Então, eu botei na minha cabeça que era temporário. Eu disse: isso vai passar. Mas houve uma quebra de expectativa e com ela veio a frustração, porque eu queria estar trabalhando muito mais.

Mas hoje, na minha profissão, quando tem uma pauta ou outra eu consigo ir. Mas às vezes, por exemplo, eu sou a editora do jornal e nessa editoria do jornal ela exige que às vezes eu acorde... às vezes não, todos os dias eu acordo muito cedo para fazer o roteiro do jornal.

Eu faço o roteiro do jornal em média de 5h30, e nesse meio termo é o tempo que as crianças vão para a escola. Então fica aquela correria, eu tenho que dar atenção para eles enquanto eles estão se arrumando para ir para a escola, o tempo que eu estou fazendo o roteiro, enfim. É meio que me dividir para tentar lhes dar atenção.

Às vezes, meus filhos me cobram, né? ‘Mãe, por que você está no celular?’ Às vezes, eles acham que você está na rede social, você não está dando atenção para a gente. Só que eles não entendem também que a rede social é o nosso trabalho como jornalista. Então, eu explico muito: ‘Estou trabalhando.’ E tem sido assim, né? É uma tentativa de equilíbrio entre a vida pessoal e as demandas da profissão.”

5. Você sente que o fato de ser mulher influenciou (positiva ou negativamente) o seu percurso profissional?

“No meu campo profissional, eu não acredito que foi porque eu seja mulher. Como eu falei, tudo que eu conquistei foi muito pela minha competência, não pelo meu gênero, o fato de ser mulher ou de ser homem. Mas tiveram alguns casos, por exemplo, de pessoas que trabalhavam comigo, de quererem alterar o tom de voz por achar que eu como mulher era frágil, entendeu? Que tinha mudanças de postura quando era com um homem. Entendeu?”

Então, eu volto atrás: teve esses fatores. Mas foram fatores isolados. Não foram fatores assim que me atacassem, ou que fizessem, ou que influenciassem o meu percurso profissional, não. Não considero que o fato de eu ser mulher tenha facilitado ou dificultado, não que eu saiba ou que eu tenha percebido.”

6. Já vivenciou situações de machismo na redação ou em coberturas jornalísticas?

“De machismo, já. De machismo, já sim. Pessoas que trabalham comigo, de mudarem o comportamento quando estão falando comigo, de me ligar e falar de uma forma que eu poderia classificar como um assédio moral, se fosse para, por exemplo, denunciar. Eu tinha gancho para denunciar.

Já aconteceu assim, mais de uma vez, de mudar o tom da forma como fala, né? E você vê que é totalmente diferente a forma como você trata comigo como mulher e com outro que é o mesmo colega de trabalho, né?

Depois que essa coisa foi assim que eu entrei na empresa, depois de um tempo, um outro colega de trabalho também teve um comportamento diferente comigo, e era só comigo, né? Era mais uma característica também, parecia que era pessoal. E daí com essa pessoa eu tive vários entraves, vários questionamentos, várias conversas com relação a isso.

Essa pessoa eu nunca resolvi, mas com a outra eu acabei... Como ele era superior, eu acabei botando um pano frio ali para tentar abafar. E ele mesmo, às vezes, nunca me pediu desculpa, mas assim... enfim. Acaba que você... eu sou uma pessoa que sou muito

tranquila, então eu não quero criar... meiotermo ali, enfim, e acabei acatando e deixando pra lá.”

7. Você acredita que o olhar feminino traz novas perspectivas ou formas de narrar as notícias?

“Eu acho que a mulher tem uma sensibilidade, um feeling muito mais apurado do que o homem, muitas vezes. Principalmente na forma de narrar as notícias.

Eu acho a mulher muito mais versátil, a gente consegue fazer várias funções ao mesmo tempo. A minha função, por exemplo, que eu apresento, eu edito, eu sou produtora, ao mesmo tempo ali eu sou editora de imagens, eu faço pelo menos cinco funções ao mesmo tempo em que eu estou apresentando o jornal. E é uma dinâmica que exige muito de mim, de coordenação, de pensamento rápido, que um homem não conseguiria fazer.

E eu estou dizendo isso a você porque quando eu entro de férias, é sempre uma confusão do tamanho do mundo, porque ninguém quer tirar minhas férias, porque não consegue, porque são várias atividades, enfim. Então, a mulher sempre vai ter muito mais essa sensibilidade, esse feeling de trazer, de narrar e de fazer o jornalismo de forma diferente do que o homem.

A mulher também tem muito pensamento rápido. E isso, para o jornalismo, é muito bom, é muito favorável. Eu acho que o olhar feminino, com certeza, traz novas perspectivas para o jornalismo. A gente consegue ver muito mais adiante, consegue também planejar e projetar várias coisas. Acho que a mulher tem facilidade de trazer à tona a tonalidade e a entonação que a notícia precisa ser dada, muito mais do que um homem. Então a gente arrasa sempre.”

8. Que conselho você deixaria para jovens mulheres que desejam seguir carreira no jornalismo potiguar?

“Para jovens mulheres que querem seguir no jornalismo potiguar, sejam autênticas, sejam vocês, não percam a essência. Eu acho que você manter a sua essência é muito importante.

A gente, em meio a tanta fragilidade, em meio a tanta coisa fake, né? A gente precisa ser a gente mesmo e apostar no que a gente acredita. Então, o jornalismo tem muitas nuances positivas, mas também tem muitas nuances negativas. E é preciso ter muito pé no chão, paciência, entender se é isso que você quer mesmo, se você quer realmente seguir a carreira de jornalista. Porque é uma profissão que não paga bem, é uma profissão que paga muito pouco, mas é uma profissão que você tem uma missão: informar.

Então é preciso saber qual é o destino que você quer seguir, qual o campo que você quer atuar. Leia bastante sobre a profissão, leia bastante sobre os campos da profissão. Quem for fazer na UFRN, tente aproveitar ao máximo o que a universidade oferece em termos de projetos de extensão, sair o mais capacitado possível da universidade.

Fazer estágio cedo é muito legal, porque dá oportunidade de você amadurecer já dentro da profissão. Então, assim, se tiver oportunidade de conseguir estágios cedo — cedo que eu falo nos primeiros semestres — você já vai descobrir qual é a área que você se identifica logo no início.

No mais é isso: curtir. Eu acho que a gente tem que viver intensamente a profissão que você escolher, seja jornalismo ou seja em qualquer outra área. Viver a faculdade intensamente, porque é tudo tão rápido. Então, viver intensamente e curtir, enjoy.”